

relacionamento entre as pessoas era péssimo, como também narram nossos entrevistados. Havia brigas diárias com troca de tiros, facadas, ponta-pés, e socos.

Em linhas gerais, havia na comunidade a presença de roubo, drogas e prostituição. Era o que Marx denomina de *lupemproletariat*³⁰, termo utilizado pela primeira vez em *Os Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte* (1852), “o lixo de todas as classes”. Já no dicionário Aurélio, encontramos a seguinte definição:

na sociologia marxista, o *lumpesinato* é a camada social carente de consciência política, constituída pelos operários que vivem na miséria extrema e por indivíduos direta ou indiretamente desvinculados da produção social e que se dedicam a atividades marginais, como por exemplo, o roubo e a prostituição.

Encontramos, desta forma, mais uma vez, em Marx, a contribuição propícia a retratar a realidade encontrada na comunidade São Gonçalo pelos integrantes do projeto de Fontoura, no ano de 1998.

Observando a proposta do projeto, verificamos que suas metas fundamentais foram atingidas em relação a comunidade. Houve uma organização da comunidade, elaborou-se alternativas para os problemas nela encontrados, regatou-se a cidadania. Em relação a postura ética, no entanto, questionamo-nos a que ética refere-se o projeto. As doutrinas racionalistas e metafísicas que orientam a ação humana, ao conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral do indivíduo, ou grupo social? São questões que para o ecomunitarismo tornam-se de importância capital, uma vez que ética é a tônica da sociedade utópica do ecomunitarismo, especificamente, o conhecimento das três normas da ética de Velasco, sem as quais não se faz possível a construção da ordem socioambiental sustentável.

Através da educação, todavia, percebe-se o desvelamento crítico da sociedade, bem como a ação transformadora de sua realidade. Tal realidade, hoje encontrada no seio da comunidade, assim confirma esta afirmação. As declarações dos líderes comunitários revela uma consciência sócio ambiental ampliada em relação aquela dos

³⁰ Marx, Karl. Apud Bottomore, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 223.

primórdios do projeto. Esta consciência fruto de sete anos de trabalho foi conseguida pelo cumprimento da metodologia explicitada no projeto. De uma comunidade que se submetia à resignação solícita, pela condição de alienação sociocultural, na qual se encontrava mergulhada, a roubar-lhe o processo de humanização imposta pelo sistema dominante, passa a ação transformadora de sua realidade. Para tanto, valeu-se do processo educativo conjuntamente desenvolvido entre a comunidade e os membros do projeto. “Concordamos com Aranha em que se trata de um trabalho de conscientização e de politização. Não basta que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas se disponha a transformar essa realidade. A práxis é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido.” (p. 207-Aranha-História da Educação)

A análise mais detalhada da luta pelo resgate deste lumpesinato a condição de cidadania e a conseqüente melhora da qualidade de vida, será realizada no capítulo VI.

CAPÍTULO VI

Resultados – Análise das Entrevistas

Resultados obtidos pelo projeto da UCPel sob a coordenação da professora Jara Fontoura, intitulado: “Projeto Ecomunitarismo (projeto interdisciplinar, articulador das lutas socioambientais e integrador do saber acadêmico e o popular)” a partir de suas metas e objetivos.

Chamamos a atenção inicial para o fato de que, apesar de a comunidade denominar-se hoje de Ecossolidária, por uma questão de praticidade nossa, nos referiremos a ela sempre como comunidade São Gonçalo, utilizando a atual denominação somente quando se fizer necessário.

6.1 Das Questões Relativas à Comunidade

Iniciaremos este subcapítulo com uma averiguação entre as condições iniciais encontradas pela equipe de trabalho da professora Fontoura, ainda no ano de 1998, data de início do projeto por ela coordenado, na comunidade denominada de São Gonçalo e a atual

realidade dessa mesma comunidade hoje situada no local denominado Ceval. A análise recairá, neste tocante, sobre as respostas dadas às questões pertinentes ao período em questão. Ressaltamos, desde já, a convergência das respostas quanto às condições de vida da comunidade, antes e depois do projeto.

Há, no entendimento geral, uma precariedade em todos os sentidos. Falta de condições mínimas materiais, exigidas pela e para condição humana. A professora Fontoura, ao responder a esta questão, nos diz: “eles não se achavam nem cidadãos, nem fazendo parte de nada, não possuindo identidade, certidão de nascimento [...]”, ou seja, nem sequer possuíam “existência legal”. A falta de cidadania já começava por aí, a ausência do existir jurídico a roubar-lhes qualquer possibilidade de ação, juridicamente reconhecida. Brito nos diz que as condições eram tão precárias que quase desistiu do trabalho, e ressalta:

[...] eu fui um dos fundadores do projeto, e aí a professora Jara nos apresentou o local que ela passava quando vinha de Rio Grande, sempre quis desenvolver um trabalho naquela comunidade e nós ficamos, nós ficamos... eu mesmo com sinceridade, eu fui um dia e me deu vontade de desistir pelas condições do local que nós encontramos. Problemas em cima de problemas, onde tinha é... os moradores do início aqui do Trevo eram catadores de papelão brigavam com os moradores quase próximos da ponte que eram pescadores. Trocavam tiros entre eles por aquele corredor ali da margem do Santa Bárbara e pobreza, uma pobreza, uma desorganização, gente..., bebe nascendo e morrendo logo em seguida, não tinha estrutura nenhuma, eles não tinham luz, não tinham água potável, tinham que pegar numa bica que tinha logo adiante numa torneirinha e o... e aí nós resolvemos que... conversamos com os moradores, e os moradores nos aceitaram bem para desenvolver o trabalho naquele local, a Universidade nos apoiou. Nós tivemos que fazer muitas reuniões com a Universidade para que ela pudesse nos dar esse apoio e oficializar esse projeto em 1999. Nós começamos com trabalho de pesquisa e cada vez nós ficávamos mais apavorados que nós víamos dentro da casa. Era mãe lavando, era um frio e mãe lavando bebe dentro de panela com água fria, depois fazia comida na mesma panela. Uma coisa assim de tu... e aquilo ali foi nos tornando cada vez mais compromissados com o ambiente, com aquele trabalho ali, né, e começamos a trazer mais alunos, mais alunos começaram a participar então do projeto, começamos a nos fortalecer, a comunidade (pelotense) começou a nos apoiar, também, com recursos, com cesta básica, com hortifrutigranjeiro, então nós começamos a fazer uma troca com a comunidade. Essa troca, quando nós tínhamos esse material nós resolvemos fazer uma gincana, foi um passo muito importante, sabe porquê? Eu lembro de um fato que nós encostamos um caminhão nas balanças e nós começamos uma gincana com tarefas, então, uma das

tarefas era trazer um gato preto em cinco minutos. O quê que aconteceu Granada com isso? Um catador de papel tinha o gato em casa, um pescador tava com a bicicleta na gincana e eles eram inimigos de se darem tiros, de trocarem tiros um com o outro. Pra ganhar a cesta básica um olhou pro do outro e disse assim: sobe na bicicleta e vamos lá pegar o teu gato pra nós ganhar essa cesta? O outro olhou e disse: tá, vamo. E foram pra casa dele de bicicleta, correndo, porque tinha tempo, não é, e voltaram com o gato preto, que era uma das tarefas, e os dois, as duas famílias ganharam a cesta básica, uma cesta pra cada um. E ali em diante a gente viu que era possível unificar aquelas duas facções vamos dizer que tinha ali naquela comunidade. E ali a gente começou então a desenvolver, viu que poderíamos nos aproximar, nós começamos a desenvolver pra atrair as crianças fizemos uma praça, construímos uma praça ali nas balanças, uma praça linda, as crianças adoraram! Era noite, escurecendo, e nós queríamos ir embora e as crianças não queriam sair dos balanços, não queriam sair... acho que nunca tiveram a oportunidade de ir a uma praça porque o brinquedo deles o quê que era? Era o porco, ali no chiqueiro, ali dentro da casa deles, era o cachorro, era o tonel de lixo, escondido dentro do tonel de lixo quando brincavam de esconder; eles se encantaram com a praça com gangorras, balanço, escorregador. Aí, outro dia, isso foi num sábado, no domingo nos ligaram pedindo pra nós irmos na comunidade. Nós fomos lá e a praça estava toda destruída e um bilhete na praça: Vocês constroem e nós destruimos. O quê que era aquilo ali? Dois três traficantes, da comunidade que não queriam, se incomodavam com a nossa presença naquele local. Sentiam-se incomodados com a nossa presença. Não deixavam nós entrar na residência deles, até que uma, a mulher começou a participar, nós começamos a participar, mas nós entrávamos e eles saíam, num dos chalés ali eles se reuniam, era material de furto, roubavam rádio, televisão, levavam pra ali para sair a vender depois pra outras comunidades, ali pro Simões Lopes, e aí sentiam-se incomodados, então tentaram nos afastar da comunidade, e nós unimos, o grupo se uniu e mostramos pra eles que nós éramos muito mais fortes; destruíam e nós construíamos. Nós construimos uma sala de aula nas balanças, no outro dia chegamos lá tinham botado fogo dentro da sala de aula, quebraram a porta da sala de aula, arrancaram a grade e nós continuamos dando aula sem porta sem grade... Defecavam dentro da sala de aula. Nós não paramos. Continuamos até que eles desistiram e se juntaram a nós. Aí não tivemos mais problemas nenhum, começamos então a desenvolver o projeto e agora na Ceval é outra vida, é outra vida, né. Nós passamos três, cinco anos vendo aquela gente com água até a cintura dentro de casa, fugindo pra margem, pro acostamento da BR. Um risco iminente de acidentes ali. Os caminhões passavam que chegava a levantar a lona da barraca deles do deslocamento do ar; um horror, eu ficava apavorado quando via aquilo. Um caminhão virou, um caminhão de lenha, caiu toco em cima de um menino brincando, quebrou a bacia do menino, quebrou as duas pernas de outro menino... Então um dia nós reunimos, a professora Jara e tal, olha tem um terreno assim, assim, no fim da avenida Brasil, na Ceval, vamu invadir aquele terreno, vamos pra lá? Aí começamos a trabalhar esta questão junto com os moradores e tal dia invadimos lá e veio Brigada e veio prefeitura e todo mundo pra tentar e não conseguiram. Mostramos que a comunidade estava unida, não é, e a união faz a força; pegamos também um ano político, e isso nos ajudou muito. Aí começamos a ter o apoio da própria prefeitura, o prefeito

Marroni, não é. Uma coisa que nos magoou muito, que a época a vereadora Miriam Marroni, foi lá, discutiu com a Jara sobre a invasão e disse pra Jara que nem a mãe dela morava no centro, por que que eles tinham que morar no centro, como dizendo que eles não eram nada. Nos surpreendeu essa atitude da vereadora. Mas depois ela viu que não tinha mais jeito e aí todas as instituições que poderiam atrapalhar ali o desenvolvimento do projeto naquele local, não interferiram mais e nós conseguimos então... A comunidade hoje está mais integrada, está mais unida. Não tem mais o pescador e o catador de papelão, todos fazem parte da comunidade da Ceval, todos são unidos. Tem aquelas desavenças que tem até com quem mora num condomínio aí num apartamento tu tem com o teu vizinho. É normal, mas, são todos unidos, está sendo construído hoje uma cooperativa.

Cunha colabora com sua experiência ao declarar, ainda, que foi a pior situação que viu em Pelotas. “Um exemplo de situação desumana mesmo! Uma situação de miséria absoluta”, afirma categórico.

Eu tive uma experiência rápida, agora na Ceval. A minha presença maior foi quando era ainda ali a margem da BR, embaixo da ponte. Ali era visível, era até assim, era um exemplo que se dava de situação desumana mesmo. Foi a pior situação que eu vi em Pelotas, entre nós, não é. A pior situação de pessoas vivendo em situação de miséria absoluta foi aquela que eu presenciei ali na comunidade São Gonçalo, na ponte do Rio Grande. Eu participei, sou pelotense, nasci e cresci aqui, e não só como ativista político, também já frequentei já várias situações de bairros afastados com problemas sociais graves, mas nunca tinha visto tamanha degradação como eu vi ali na comunidade São Gonçalo. E hoje, na comunidade do Ceval, que eu presenciei, no início como estou dizendo, ultimamente não tenho até estado presente lá, mas, se verificava uma série de razões que nos levava a crer que o projeto de resgate daquelas pessoas tinha atingido pelo menos naqueles passos iniciais de fazer com que aquelas pessoas que viviam em situação de miséria absoluta agora pudessem ter, pelo menos, a perspectiva de terem um lote descente, numa zona mais urbana, mais próxima do centro e com uma infraestrutura mínima que seria um processo que deveria estar se completando agora, até, com a construção de moradias com tijolos, de alvenaria.

Eu presenciei esse período, né. Eu vi a situação dramática que eles vivam e vi que houve uma melhora substancial, numa série de fatores, inclusive isto, que eu acho que criou uma expectativa positiva para as pessoas muito grande, e isto é muito importante para fazer com que a auto-estima das pessoas se eleve.

O atual líder da comunidade São Gonçalo, Senhor Paulo, corrobora dizendo que, hoje, “aqui na Ceval, é noventa e nove por cento melhor do que era no Trevo”. Ele diz que hoje as pessoas se sentem cidadãs. Lá se vivia à margem da sociedade. “Era a miserabilidade total! As pessoas se sentiam pequenas. Hoje sabem que não eram o que pensavam”.

Noventa e nove ponto nove melhor, aqui, do que lá. Lá as pessoas vivam marginalizadas. Viviam praticamente a margem da sociedade. Hoje aqui, não. Hoje aqui o pessoal se sente cidadãos, foi resgatada a cidadania, o que não se tinha lá embaixo. Lá todo mundo vivia a margem da sociedade. Era a miserabilidade total. Aqui o pessoal já se conscientizou que não são o que pensavam que eram, são cidadãos, agem como tal enquanto que lá vivi-se jogado. Lá eles se achavam pequenos, eram pequenos, não tinham... Qualquer pessoa chegava e dizia é assim; seguia aquilo ali. Agora, não. Agora cada um tem a sua opinião.

A professora Jara, emocionada ao narrar a história do projeto, conta que eles não se sentiam gente, chegando mesmo a sentirem-se animais. Senhor João, um dos atuais líderes comunitários, democraticamente eleito, cuja meta é a consolidação da cooperativa (assunto do qual discutiremos mais adiante), afirma:

No tempo do Trevo era muito ruim. Tivemos grandes melhorias. Lá era muito sofrido. Aquele trânsito de caminhões, arriscando, enchentes a toda hora era muito ruim mesmo. Aqui ta mais sossegado. Bem melhor. Era ruim devido ao lixo, muito lixo, mosquito, o lodo que tinha ali também, aquele canal e a faixa. Lá era muito ruim mesmo.

Eis, aqui, apenas a introdução das condições de existência – reparem que o termo utilizado foi existência e não vida, pelo simples fato de que tais condições não podiam receber tal denominação – daquelas pessoas que viviam não só à margem do Canal Santa Bárbara, mas à margem também da própria sociedade, “à margem de toda e qualquer forma do que os humanos possam conceber como tal”. Lembramos que a comunidade, na ocasião do Trevo, era constituída por dois grupos, formados por catadores de papelão e pescadores. Hoje, esta comunidade separou-se, pelo fato de os pescadores não poderem se afastar do canal São Gonçalo e não poderem deixar seus barcos sem cuidado.

6.2 Moradias

Ao narrar as condições de moradia, Fontoura nos relata as dramáticas condições de insalubridade a que estavam submetidas as pessoas da comunidade quando habitavam no Trevo. Hoje, verifica-se a grande melhoria infra-estrutural da comunidade em suas novas moradias localizadas na Ceval.

Eu chamaria de barracos que somente ratos, poderiam habitar. Ratos, baratas, não é. Um ser humano jamais deveria habitar um local como aquele ou uma casa como aquela, não é. Era uma coisa assim que não tem explicação, com pedaços de plásticos, eles achavam um pedaço de tábuas colavam, pregavam do jeito que dava, pedaços de vidro, de lata, o que desse. E aí não tinha condição. Dia de chuva chovia mais dentro de casa do que na rua. Não tinha banheiro, geralmente eram duas peças, às vezes era só uma peça pra fazer a comida e uma peça pra todo mundo dormir, dez, quinze pessoas, né. Era isso, assim, era uma coisa que, não sei! Hoje eles têm casas. As primeiras casas construídas de madeira, eu tenho as fotos, são casas! De madeira com janelas, com portas, com quartos, com salas com as cozinhas, as de madeira. Atualmente, com o convênio, eles estão construindo em regime de mutirão as casas pré-fabricadas. As casas populares, de material. Então gente com oitenta e tantos anos que nunca teve um banheiro vai ter pela primeira vez, tá. Então a esperança está nos olhos deles. A mudança é visível. Porque as pessoas muito humildes, que passam muito trabalho, eles acreditam descreditando quando tu fala em alguma coisa, não é. Eu lembro que eu dizia pra eles que era preciso sonhar, era preciso acreditar no sonho. E um dia um senhor disse pra mim: “para de vender mentiras para nós. Eu não agüento mais ouvir tanta mentira!” E aí, eu, na época, eu fiquei com muita raiva quando ele disse isso aí, depois eu fui parando pra pensar, né, lembrando muito de Paulo Freire, as verdades que estão através das agressões de uma pessoa que sofre. Então eu fui pensando o que tinha de verdade naquilo que ele falava. A verdade era a desesperança. E eu então me senti chamada a resgatar a esperança crítica dentro deles, não é. Isso foi, eu acho, um dos meus maiores desafios. Eles amarem-se enquanto potencial humano, eles acreditarem na sua espécie, eles acreditarem na força da coletividade, eles acreditarem que é possível sonhar, eles acreditarem na luta, ah, isso foi algo pra mim muito difícil e eu acho que eu consegui.

Brito reafirma a precariedade das habitações ao contar-nos que:

Não eram casas, eram casebres, eram barracos quase caindo, sem estrutura nenhuma, casa sem telha forrada com lona, sem piso, com chão batido. Hoje não. Hoje tem casa até de material, de alvenaria, chalés bem feitiños, com telhados, com alpendre, com área pra eles tomarem chimarrão em baixo do alpendre que eles gostam muito, com piso, com assoalho, janela, tudo... As casas de alvenaria estão sendo construída com sistema de mutirão, não é. Os próprios moradores auxiliam, ajudam os outros a construírem. Material, alguns compram, outros ganham. Alguma coisa se conseguiu através de doações. As fundações é construída por uma empreiteira e as casas em regime de mutirão. O esgoto está por sair, está em promessa.

Cunha corrobora ao nos dizer que:

Eram casas localizadas, praticamente, dentro d'água, eram palafitas em grande parte e que inundavam em boa parte do ano e o lixo que era ali separado inundava nos pátios da casas... era uma situação ao extremo, como eu tinha narrado inicialmente. Agora claro, até pela condição de ser num lugar seco, um lugar mais salubre, o simples fato da localidade ser melhor as casas estão numa condição muito melhor. No início, eu disse quando as primeiras famílias foram construindo as suas casas logo se percebia que era outra condição. Um lugar muito mais limpo, muito mais seco, um lugar muito mais habitável.

Dona Cica é objetiva: “barracos! Barracos, e como continuam aqui, não é, os barraquinhos até sair essas casas. As casas de alvenaria já estão em andamento”. Senhor João confirma: “eram precárias, muito ruim mesmo”.

Era precária, era muito ruim mesmo. Quase tudo com parede de papelão. Agora aqui todo mundo procurou fazer um chalezinho, uma coisinha melhor, mas o que se espera mesmo é essas casas de alvenaria. É o que se está esperando.

Dona Gracinda conta que as casas dos pescadores não sofreram modificações, continuam as mesmas, de material. Já a dos papeleiros, a maioria eram barracos, diz ela.

A dos pescadores continua as mesmas, que era praticamente todas de material, né. A dos papeiros, ali, a maioria era barraco. Até a Jara conseguiu umas verbas que veio, se não me lembro foi UNICEF. Veio uma verba, ela fez uma compra de tábuas e eu acho que o resto foi doado. Aí eles conseguiram dar uma reformada nos chalés. E agora por causa da Ceval que eu saiba, que eu vi no jornal, tá ficando muito bonita as casa ali. Tá ficando muito boa as casa de lá. Nos pescadores nem uma residência lá tem fossa, poço negro, essas coisas. Nenhuma.

Atualmente, o bairro situa-se na localidade conhecida por Ceval, área de 12ha, desapropriada pela prefeitura e entregue aos moradores do Trevo para a criação do bairro, hoje denominado Ecossolidário. Em convênio firmado entre Prefeitura e Caixa Econômica Federal, estão sendo construídas casas de alvenaria em regime de mutirão para cada família que morava no Trevo. Ali não se encontram, como já mencionamos, os pescadores, por não poderem se afastar das águas.

6.3 Água, luz e esgoto (infra-estrutura)

Constatou-se não haver a menor infra-estrutura para aquelas pessoas. Não havia luz, a água resumia-se a uma pequena torneirinha, e esgoto não existia. Sobre a infra-estrutura, Fontoura conta-nos que, no início,

[...] eles roubavam a luz. A gente chama gato, né. E a água também, era o mesmo sistema, tá. Umás casas tinham, porque faziam essas coisas, né, ah, esses arranjos e a maioria não tinha nada. Verão era uma tristeza. *O que tu chamas de gato, era tirado de onde?* Eles tiravam lá dum poço, que vinha puxando fio não sei da onde, eu só sei que quando eu via tinha água lá. E tudo era eles que faziam, por debaixo da terra eles iam puxando daqui e d'acolá e saía a tal de água. Só que era assim oh, em determinados horários, porque no verão principalmente, não tinha força, então era um balde pra cada família, quando tinha. *Chegou a existir um bico pra todos eles?* Eles fizeram isso. Eles fizeram. *E hoje como é?* Hoje todos têm água nas suas propriedades.

Brito conta que existia somente uma bica para todos, fornecida por um empresário do Clube de pescadores das proximidades.

Não, água era só uma bica que eles buscavam. Era uma torneira aqui no Trevo e outra torneira... nem era uma torneira, era um empresário lá na parte dos pescadores, que tinha uma casa boa onde ele deixava o seu barco e ele instalou, puxou do clube, tem um clube de regatas ali embaixo da ponte, puxou água do clube e ali eles puxavam do clube pra eles também, mas é uma torneirinha.

Dona Cica relata que “esgoto não havia”.

Os que podiam colocar colocavam luz. A maioria, todos botaram luz. Água também era uma bica comunitária, e todo mundo puxou mangueiras pros seus pátios. Esgoto não havia. Aqui não temos esgoto ainda, mas temos água e luz. Agora vai sair os esgotos aqui.

Verificamos, através da narrativa do Senhor Paulo, a ausência de saneamento básico, que submetia aquela população a toda a sorte de problemas daí resultantes:

Lá na baixada, lá no canal, não é, no Trevo não tinha. Tinha luz, a água era precária, porque era uma bica que a gente puxava água do posto pra todo mundo. A água lá era precária, mas não tinha esgoto, não tinha nada. Aqui também, esgoto a gente ainda não tem, mas é outro ambiente, é outro ambiente.

Tem previsão de esgoto, seu Paulo? Tem. Acho que a partir de fevereiro já começa a fazer a canalização do esgoto aqui. E isso é verba já aprovada do convênio prefeitura e a Caixa; e o SANEP já está com o projeto pronto, já aprovado, tudo.

O bairro, hoje na Ceval, já conta com água, luz e telefone, passando a partir de fevereiro de 2006 a ter sua rede de esgoto construída. Ao final do ano, segundo o senhor Paulo, até à TV a cabo passarão a ter acesso, quando o bairro deverá, finalmente, estar totalmente estruturado.

6.4 Saúde

A propósito do tema “saúde”, podemos observar o grande número de patologias presentes nas pessoas da comunidade, derivadas não somente da falta de infra-estrutura de quando habitavam no Trevo, mas também da precariedade da assistência médica. Já na nova localidade em que hoje habitam, denominada Ceval, podemos verificar uma substancial melhora em todas as condições referidas. Neste aspecto, nos diz Fontoura que,

Então, bom... A questão da saúde. Com a mudança, né, vamos dizer assim, com esse afloramento socioambiental, ah, o que é que aconteceu? Eles começaram a tomar consciência do seu espaço, né, do seu corpo, é... das crianças, do seu espaço de trabalho. Nós fazíamos muitas peças de teatro, passávamos filmes..., então tudo isso começou a mexer com eles, né, através dos alunos de ecologia, biologia, e tantos..., o próprio pessoal da pedagogia também ajudou muito. E com esse processo, eu notei muito a aparência física das crianças. Ah, nós começamos a falar sobre o piolho, levamos aparelhos pra eles olharem..., como se chama?, microscópios, não é, pra eles olharem os piolhos. Levamos o pessoal que trabalha em relação às doenças de pele, pra saúde, pra explicar a questão da gravidez na adolescência, a sarna. Então nós começamos a trabalhar com as crianças e isso foi surtindo efeito nas mães, nos pais e a coisa aflorou de uma forma que era incrível.

Eu lembro de dizer pra eles que a gente ia, ou numa peça de teatro, ou alguma outra coisa e vinham sujados e já nessa nova comunidade, o banho é algo fundamental, não é, mas eles não precisam nem mandar, eles já vêm de cabelos bem limpinhos, unhas aparadas... Inclusive eles tinham vergonha de tirar fotos e hoje eles pedem pra tirar fotos. Então eles estão vaidosos com o seu aspecto físico. No Trevo, nós tínhamos um alto nível de mortalidade infantil, muitos problemas de doença mental, alcoolismo, viciados em drogas, cocaína, maconha, muita sarna, piolho e a princípio problemas respiratórios, e verminose também, bastante verminose. As coisas eram essas. Eu não vou dizer que acabou, porque isso aí é uma bola de neve, né, mas, por exemplo, as gravidez interrompidas: conseguimos fazer que fossem até o final da gravidez. Diminuíram assim essa questão, as mães perdiam os bebês por estarem anêmicas, doentes, etc, da fraqueza mesmo. Os bebês começaram a nascer mais fortes, corados, inclusive. A gente começou a encaminhá-los mais pra questão do dentista, é... a trabalhar a questão do corte de cabelo. Nós ganhamos duas máquinas pra cortar os cabelos. Eles mesmos final de semana já pediam pra gente cortar os cabelos, né. Tu nota assim, eles mesmos querendo cuidar da saúde. Tá. Ah..., uma coisa interessante, assim

também, a própria higiene das grávidas eu notei uma diferença, não é. A higiene nas casas, que era uma coisa. Hoje tu vais na comunidade têm flores nos canteiros. Os canteiros estão organizados, as casas estão limpas varridas, né. Há uma preocupação também com a questão da água que antes eles não ligavam, mas um trabalho assim de formiguinha, não é. Então tu nota, a mudança é incrível, não é. Olhando as primeiras fotos do início do projeto, em 98, com as de hoje, é incrível a mudança. Tu nota a mudança nas fotografias, na aparência das pessoas, no estado das pessoas assim, até de aspecto físico mesmo. Tu olha e tu nota a diferença, né.

Conta-nos Brito, ainda,

No tempo do Trevo era horrível. Posso te dizer que a saúde, a escória da sociedade, eles iam no posto de saúde pra ser atendido e a doutora, do posto de saúde, negava-se a atendê-los pela sujeira, pelo mau cheiro que eles tinham; porque não tomavam banho, não tinham água. Aí nós construímos um banheiro nas balanças lá, pra eles tomarem banho. Mas não tinham recurso nenhum, seguidamente nos ligavam: Renato, tu pode vir com o teu carro, que o fulano ta passando mal, duas da manhã, onze da noite, nós íamos pra socorrer, levar crianças pro hospital, com problemas respiratórios, vários, respiratórios. Problemas, então, Granada, ali, de saúde, eram precários, o atendimento pra eles no posto era horrível, a Jara brigou com o secretário de saúde, brigou com a médica do posto, ameaçou levar até a imprensa pro local e aí eles começaram a ser tratados de uma forma mais humana. Não eram atendidos, ou era porque estava sujos, porque qualquer coisinha era uma virose... Muitas crianças morreram ali. O número de óbitos quando era ali nas margens do São Gonçalo era elevado, agora ali, na Ceval não tem, não posso te dizer com certeza, mas não tem... Na Ceval, aqui, eles já tem luz, tem água, não é, os chalés, as casas, estão melhor estruturadas, então já a qualidade de vida melhorou, tá bem melhor do que era lá embaixo. Não tinham nada, nem um tanque pra lavar roupa. Lavavam roupa na beira do Santa Bárbara. Tu imagina, eles pegavam água pra fazer comida muitas vezes do Santa Bárbara aonde o número de coliformes fecais é enorme. Evacuavam no local, e não só da própria contaminação dos moradores, mas todo o esgoto de Pelotas desemboca no Santa Bárbara; então imagina, toda a população de Pelotas, praticamente, contaminando o canal e eles dormindo ali e usando aquela água. Eles tomavam banho ali, eles pegavam água pra fazer comida dali, então estavam sempre doente.

Em sua narrativa, Brito conta, ainda, a história dramática e chocante, pela desumanidade da situação, de uma menina que frequentou as primeiras aulas na escolinha montada pelo grupo do projeto, nas antigas balanças do Trevo.

Sabe que uma vez uma coisa que me marcou muito, nós estávamos dando uma aula nas balanças, e como é que tu atraía essas crianças pra escolinha, ali? Então nós levávamos iogurte, leite, bolachinha... eu prestei atenção numa menininha, que ela pegava a bolacha e saía da sala de aula, aí daqui a pouco passava de novo a bolacha pra eles e ela pegava a bolacha e saía da sala de aula. A terceira vez que ela fez isso eu fui atrás dela. Sabe o quê que ela estava fazendo? Ela estava enterrando as bolachinhas atrás da balança pra quando desse fome, alguma coisa ela ter aquela bolacha pra comer. Então tu imagina, ela via provavelmente o cachorro fazer isso, ela depois que sentisse fome pegava a bolacha da terra, enterrado, eu chamei a Jara pra ver e tudo, o que ela estava fazendo; então tu imagina os costumes dessas pessoas. Higiene nada. Não tinham conhecimento nenhum de higiene. Nós conseguimos fazer com eles, trabalho de higiene pessoal, a importância da manutenção dos dentes, por exemplo, o tratamento dentário, o pessoal da saúde começou a visitá-los. Eles têm acompanhamento de estagiários da odonto que vão nas casas e examinam os dentes, dão fichas para virem na odonto ser atendidos, aqui na Faculdade de Odontologia. Houve uma melhora significativa na saúde.

Cunha narra, consternado, a seguinte situação que denomina como degradante, por ele vivenciada, ainda no período do Trevo.

Posso dizer que... eu não... da área da saúde, eu sou um advogado, professor. Poderia dizer assim: a situação que era antes era de precariedade total. A situação da comunidade quando vivia às margens da BR era uma situação degradante completa, no meio da água, no meio do lixo. Não poderia haver situação mais degradante do que aquela. Poderia haver uma situação igual aquela, pior do que aquela é difícil de se pensar. Agora, o simples fato de ser retirada da beira da água, dos ratos, de ser transferido para uma zona urbanizada, mais próxima do centro, isso já deu uma qualificação... Imagino que já deve ter havido um salto qualitativo, imenso, em termos de saúde pública, ali. Não sei aferir porque não sou um técnico dessa área, não conheço os dados dessa área.

Havia muitos óbitos naquela ocasião? Imagino que sim, porque as condições eram as piores, imagina no inverno, por exemplo, as pessoas mais idosas e as crianças o que deviam padecer de doenças respiratórias, ali. Posso imaginar, mas não sei aferir. Se tu me perguntasses o que eu acho, acho que sim, mas, não posso atestar isso porque realmente não tenho os dados.

Dona Cica, hoje, com a conscientização oriunda do trabalho de educação desenvolvido ao longo do projeto, é capaz de associar os problemas de saúde que existiam

às condições de infra-estrutura que vigoravam. A entrevistada conta-nos, com a alegria de quem hoje vive uma nova realidade, que:

Lá as crianças vivam doentes e aqui não. A saúde é melhor aqui. Porque aqui tem menos sujeira, não tem contato com águas podres que vinham das enchentes. Ratos, lá tinha à revelia. Os ratos andavam desfilando nos pátios.

Hoje, na nova localidade, a comunidade encontra-se afastada dos problemas que acarretavam tantas doenças. O lugar é seco, tem água potável, banho. Foi realizado um longo trabalho de conscientização ambiental através de oficinas de teatro, filmes, onde de vital importância foram os acadêmicos das Universidades Católica e Federal, trabalhando em parceria. Foram levados os microscópios dos laboratórios da biologia para que as crianças vissem os piolhos. Foi-lhes ensinado o uso de contraceptivos, princípios de higiene, cuidado com o meio em que vivem. Passaram a cortar os cabelos, a aparar as unhas. As mães passaram a levar a gravidez até o final pela melhora das condições de saúde. Seus bebês começaram a nascer mais fortes, com maior peso, inclusive. Hoje, o entorno das casas está em melhores condições, alguns ajardinados e com canteiros de ervas medicinais.

6.5 Educação

O processo de educação foi, como não poderia deixar de ser, de vital importância para todo o processo de crescimento da melhoria da qualidade de vida da comunidade. Percebe-se um crescente nesse sentido. Desde o trabalho realizado com os pequenos, a irradiar-se paulatinamente por todos os membros da comunidade, nota-se o desabrochar de uma nova consciência ecossocial. Em relação a este tema, conta-nos Fontoura que:

Eu montei uma escolinha nas balanças... Quando eu cheguei lá não tinha nada, então eu..., as crianças me pediam muito pra contar história, pra brincar de colégio e aquela coisa toda... Eu resolvi com a turma de pedagogia de Canguçu e a turma de pedagogia de Pelotas, montamos, nas balanças, uma escola que atendia crianças de dois anos a seis anos de idade. Só que foi muito engraçado, porque no fim nós tínhamos crianças de dois e dezesseis anos, então eu tive que dividir o grupo em vários grupos enquanto nós tínhamos apenas uma sala, né. Então foi um trabalho bem árduo. Depois as mães queriam ser alfabetizadas. Então a líder Gracinda começou a alfabetizar no método Paulo Freire. Consegui fazer com que duas líderes também trabalhassem no método Paulo Freire. Elas eram alfabetizadas e começaram a me ajudar a alfabetizar os adultos, né. Então foi um trabalho bem interessante, com bastante dificuldade. A maioria das crianças e daquelas pessoas não estudavam. Hoje a maioria está na escola. A gente nota assim a diferença, né. E nessa nova comunidade, que a gente chama assim, né, nós levamos muitos acadêmicos, de vários cursos e conseguimos agora deixar montada uma sala de aula dentro da comunidade. Esse ano nós fizemos estágio com as alunas de pedagogia, dentro da comunidade. Agora entraram em férias, né. Em março eu quero botar outro grupo de estagiárias a dá aula lá na comunidade.

No início do projeto, cerca de noventa crianças não freqüentavam a escola, em um universo de cento e quarenta e sete. Confirma Brito a inexistência de escolas no Trevo com as seguintes palavras:

A escola na época do Trevo não tinha. Nós, como tem agora na Ceval, é um espaço pra reforço escolar, porque todos eles indo pra escola, todos eles estudam na escola Simões Lopes ou na escola aqui no fim da Osório, ali no João Manoel. Estão todos matriculados e estão freqüentando a escola. E o quê que nós fazíamos? Nós tínhamos estagiários da própria pedagogia da UCPel e professores de Educação Física da UFPel, que desenvolviam atividades esportivas com eles, e estagiários que faziam reforço escolar. Faziam os temas, dificuldades pras provas os estagiários davam a dica, o que é que eles tinham que estudar, como é que eram, toda essa parte de reforço. Nós iniciamos lá embaixo da ponte, onde eram as balanças, e agora está sendo construído aqui na Ceval, tem uma empresa que está construindo essa cooperativa e dentro da cooperativa, no espaço da cooperativa, uma escolinha pra essas aulas de reforço. No tempo do Trevo, muitas crianças não iam à escola. Do Trevo, a escola mais próxima deve haver uns três quilômetros.

Os organizadores do projeto tiveram que fazer um acordo com os pais; de as crianças serem liberadas para a escola e dispensadas da tarefa de puxarem a carroça junto

com estes, em troca dos arreios, correames e cavalos, através de verba conseguida pela professora Fontoura.

Educação e saúde caminham juntas, são agentes indissociáveis. Por isso, o trabalho que acarretou a melhoria da saúde teve início na educação. Hoje, a totalidade das crianças encontra-se estudando. Na nova moradia, situada no prolongamento da Avenida Brasil, adiante do Castelo Simões Lopes, a comunidade tem acesso à escola de forma mais segura. Os pais tornaram-se mais responsáveis e conscientes do fato.

6.6 Relações Humanas (Solidariedade)

Ao comentar a respeito das relações humanas, os aplicadores do projeto são unânimes em afirmar que eram péssimas. Podemos verificar que a crescente melhoria da qualidade de vida é acompanhada pela crescente diminuição da violência, que se manifestava através de toda ordem de agressões imagináveis. Como pano de fundo dessa melhoria, vamos nos deparar, mais uma vez, com a imprescindível ferramenta da educação. Nas palavras da professora Fontoura, o relacionamento humano:

Era horrível. Eles brigavam, havia muito tiroteio, facadas socos, pontapés, um ambiente muito de violência. Hoje tu consegues caminhar na comunidade sem medo de uma bala perdida. As crianças brincam na rua, estão felizes, visitam-se uns aos outros. Tem como tudo que é vizinhança as suas desavenças. Antes, duas horas, três horas da tarde, se tu bobeasse tu era morto por uma briga de vizinho, tá. Então há uma paz, há uma tranquilidade. Há ruas, eles estão organizados, lá era tudo socado, era uns por cima dos outros. Hoje têm terrenos, Cada um fecha as portas do seu terreno do seu espaço, está delimitado o seu espaço. Eles se sentem proprietários do seu espaço e isso deu vontade de cuidar do lugar, deu vontade de arrumar aquele lugar. Então eles se sentem, eu posso garantir isso, feliz por aquele espaço. Então eu acredito que eles procuram até viver bem uns com os outros agora, com os vizinhos até pra manter aquela comunidade diferente do que era lá embaixo. Nasceu o espírito coletivo que não tinha. Eu lembro as primeiras atividades coletivas foi um desastre. Eles falsificavam, eles faziam horrores!

Brito expõe o que para ele são algumas causas da violência encontrada na comunidade, ainda no Trevo.

São pessoas muito ignorantes, não têm praticamente conhecimento nenhum... O que é que a gente espera? Que os jovens tenham, façam essa diferença, essa mudança, quando formarem suas famílias. São pessoas muito pobres, o marido bebe muito, bate na mulher, eles mantêm relação sexual, agora provavelmente tenha mudado alguma coisa porque essas casas que eles... residindo hoje, são casas que têm mais de uma peça, lá no Trevo era uma peça pra todo mundo e eles mantinham relação sexual na frente dos filhos, os filhos, às vezes, nem dormir não dormiam, e eles mantinham, relação sexual de qualquer forma na frente dos filhos, eles batiam na mulher. As relações sociais, entre famílias, está bem melhor. É aquilo que eu te disse anteriormente, eles descobriram que têm força juntos, eles sabem que podem contar com o nosso grupo. [...]

Uma preocupação que nós tínhamos, eu não consegui ainda detectar se ainda tem hoje isso, eu percebi e até comuniquei a Jara, à época, que nós tínhamos que tomar uma atitude, vez que outra encostava um carro a margem da BR, no Trevo, até tinha um senhor, cabelo branco e aí quando eu via uma guriuzinha entrava no carro. Uma guriuzinha de dez, doze anos. E eu disse: ah, o pai da fulana, disse para uma das mulheres da comunidade, o pai da fulana veio levá-la pro fim de semana? Não, aquilo lá é a mãe que coloca ela pra programa. Aí nós conversamos com a família, ameaçamos em fazer denúncia, coisa e tal... Acho que isso aí acabou, não vimos mais movimentação de pessoas estranhas na comunidade com esse objetivo.

E essa consciência comunitária, Brito, de força proveniente da união, isso foi desenvolvido a propósito, ou veio num despertar natural? Não, nós trabalhamos. A maior evidência da força da união que eles tinham, nós provocamos quando nós invadimos o terreno e veio batalhão de choque todo da brigada para tentar nos tirar e não conseguiram. Aí eles viram que, poxa, os caras de escudo, de cassetetes, armados, não conseguiram nos tirar, ninguém pode mais mexer conosco. E aí nós trabalhamos isso. A união faz a força, quanto mais unidos nós estivermos, mais coisas nós vamos conseguir para a comunidade, e a Jara desenvolveu muito bem isso aí com eles; de força, de... não adiantava ninguém da comunidade fazer alguma coisa porque não ia conseguir. Agora, juntos, nós tínhamos como atingir os objetivos do projeto que é uma melhor qualidade de vida pra eles, uma vida digna, não é. Chega de as pessoas irem lá e atirarem comida por cima deles e dizer o que é que eles tinham que fazer. Hoje não, agora eles foram, é... a arquiteta que está construindo ali a cooperativa e a escolinha queriam construir de madeira e eles foram lá, os líderes foram lá brigar, é de material que vocês vão construir. No contrato tá de material, nós temos o tijolo e eles foram brigar.

Os líderes comunitários, ao se referirem às relações humanas existentes no interior da comunidade, dizem que não se metem na vida dos outros. “Cada um é dono do seu nariz”. Nítido receio da represália dos tempos de violência intensa, ainda visíveis. Senhor Paulo diz: “Prefiro deixar sem comentários, tá. Mas melhorou, é muito mais harmônica, mais confraternização. As relações todas melhoraram”.

A solidariedade era quase inexistente, no Trevo, entre os moradores. Parece ter predominado a indiferença, “um individualismo gritante”, no dizer de Fontoura. “Até mesmo por uma questão de sobrevivência”, segue a professora. Não dava tempo de eles serem solidários. Havia, porém, exceções, como dona Cica e Gracinda, atuais líderes comunitárias, nos lembra Fontoura. A grande exceção era na doença, o grande momento de solidariedade comunitária. Além desse caso, reinava a individualidade total. Senhor Paulo prefere calar-se a comentar o fato. João é categórico: “Só em casos de saúde, nessa história de passar mantimentos um para o outro, já era cada um por si”. E, ao falar do relacionamento humano, completa: “Acho que está havendo melhora sim. Tá melhorando essa parte aí. As pessoas se comunicam mais, vão trabalhando juntas, construindo as casas e vão se ajeitando, não é”.

As relações humanas melhoraram sobremaneira, na nova moradia. Se antes, em plena luz do sol, alguém podia ser morto por uma bala perdida em meio à briga de vizinhos, hoje existe uma tranqüilidade. As crianças brincam na rua. A melhoria das condições sociais é notória, pois a conquista de uma dignidade, do existir como cidadãos, bem como o fato de terem, hoje, um documento que os identifique, e se sentirem proprietários de um teto, que, nas palavras de dona Cica, “será a segurança de seus filhos, algo a deixar para eles”, gerou, em seus íntimos, um sentimento do qual os mais velhos não se lembravam mais, e aos mais jovens, talvez, não tenha sido dada a chance de conhecer: a auto-estima. Este novo estado de espírito, por si só, já vem acompanhado da tranqüilidade que faz com que não tenham mais o antigo nível de ansiedade proveniente da insegurança e da incerteza do amanhã, a se manifestar sob as mais diversas e variadas formas de violência. Como bem lembra Fontoura, ao se valer de Paulo Freire, quando nos fala das verdades que se manifestam através das agressões de uma pessoa que sofre.

6.7 Da Visão de Cada Um

No momento da pesquisa, em que foi necessário que os entrevistados expusessem suas visões particulares, deparamo-nos com a maior dificuldade, por parte de alguns deles, em compreender o significado das perguntas, o que acarretou por vezes, em uma ausência de norte nas respostas. Todavia, de forma geral, podemos dizer que houve uma mudança significativa na maior parte dessas pessoas, verificadas através das questões de nº. 28 a nº. 32.

Independente da filiação partidária, todos se declaram fiéis às suas convicções políticas iniciais, ou seja, as já existentes antes do projeto ecomunitarista. Foi possível verificar com nitidez que o contato com os excluídos promoveu profunda mudança comportamental nos entrevistados (aplicadores do projeto), tornando-os mais sensíveis, solidários, e conscientes da realidade socioambiental de sua cidade. Por sua vez, os demais entrevistados (membros da comunidade) também afirmaram que sofreram mudanças em função do contato com os integrantes do projeto ecomunitarismo. Neste tocante, nos diz Cunha, na questão 28, que seu ponto de vista político não apenas mudou muito, como o tornou capaz de perceber com maior clareza a coletividade.

Muito, mudou muito. Eu, no sentido assim, sob o ponto de vista político, eu passei a perceber com maior clareza, na coletividade, na cidade como um todo, nós temos que eleger prioridades e eu acho que nós temos que ter clareza que antes de se ter estradas pavimentadas, antes de se ter prédios bonitos, pintados, nós temos que cuidar das pessoas que vivem na comunidade em situação de miséria absoluta, como era o caso daquela comunidade do São Gonçalo. Eu tenho clareza pra mim, hoje, que como, assim, um pai de família na sua casa, se tem um filho que não tem sapato pra colocar nos pés, eu não posso pensar em comprar uma bicicleta nova pro outro filho, não é. Tenho que conseguir o mínimo necessário pra que todos tenham uma condição mínima. Eu tenho que estar atento pra isso. Eu não posso pensar em trocar de carro se eu não tenho as condições mínimas da minha família supridas. E se nós pensamos em termos de cidade, temos que pensar assim, olhar pra nossa comunidade com esse olhar: em nossa comunidade, quem é que mais precisa? Eu preciso construir, arrumar as estradas para os automóveis

passarem, circularem, muito bom também, muito bem, isso é muito interessante, mas o número de pessoas que tem automóvel é muito reduzido e o número de pessoas que se beneficiam desse investimento público é muito reduzido. Então, muito antes de eu dar pavimentação..., acesso à moradia até as pessoas que vivem em situação de miséria. Isso ficou claro, e eu vi que isso é possível, desde que se tenha uma organização da comunidade pra poder também ganhar visibilidade do poder público.

Senhor João diz que mudou muito seu posicionamento político. Para ele os políticos eram todos iguais. Porém, o trabalho desenvolvido pela administração da cidade, na ocasião, junto à comunidade, fez com que tal visão fosse revertida. Alguns políticos se destacaram muito, afirma. Sua visão, finaliza, mudou para melhor, “agora sei que existem políticos honestos”.

Nota-se que, nos líderes comunitários, promoveu-se um crescimento da fé política. Gracinda colabora ao dizer, na questão 28, que a partir daí sua visão mudou, pois os políticos só se preocupavam com eles em época de eleições, com interesse em votos.

Não. Eu sempre fui PT. Meu ponto político não mudou em nada. A minha visão política sofreu sim, por causa que a imagem política que a gente, né, na política, nunca se preocupou com nós, mesmo sendo esse partido ou aquele, não interessa. Eles nunca se preocuparam com o pessoal ali. Eles só se lembravam de ir lá na época de eleição, pedir voto e tudo. Então é uma coisa que a gente tem que considerar, né. Só se preocuparam depois que a Jara foi lá botou o projeto lá, que a Jara convidou todos eles pra ir lá, porque era época de eleição, foi em 2000.

A conotação que prevalecia no ideário coletivo popular, acerca do que vem a ser *política*, é encontrada no dicionário Houaiss, em seu sentido figurado, como: *astúcia, maquiavelismo no processo de obtenção de alguma coisa*.

Mais uma vez percebemos a desesperança a ser superada pela fé raciocinada, a fé na política organizada, na luta solidária, na ajuda mútua e direcionada, sem a qual sociedade alguma jamais logrou êxito ou vitória sobre qualquer coisa, sobre qualquer inimigo. A política se nos apresenta ainda sob esta forma centenária de amigos e inimigos. Parece, ao contemplar o mundo através desse prisma, não poder ser possível outra forma, que não esta cristalizada, de politizar, de conviver com as diferenças. Neste tocante, parece

estar certa a temerosa colocação de Carl Schmitt, quando diz que: “Enquanto houver política, ela dividirá a coletividade em amigos e inimigos”.³¹

Fontoura, na questão n°. 29, ao afirmar que é possível transformar a realidade acreditando em um mundo melhor, recupera para a comunidade a leveza da esperança. Gracinda, em uníssono com as demais lideranças, crê no crescimento das comunidades carentes.

Mudou por causa que agora eu sei que a comunidade carente ela tem como ela crescer, lutar por uma coisa melhor, e antes eu achei que uma comunidade carente era aquilo ali e ficaria naquilo ali. E agora a gente sabe que não. A gente sabe que tem condições de mudar.

Na questão n°. 30, Fontoura diz que sua visão em relação ao seu papel na sociedade apenas enraizou-se mais. A professora destaca seu papel ético com a vida. Cunha afirma que este trabalho mudou inclusive seu foco profissional para poder servir melhor às comunidades carentes. Hoje, em função disso, atua na área de direito previdenciário. Brito, por sua vez, também diz ter mudado seu ponto de vista, e para melhor, ao ter descoberto uma força interior motivadora proveniente das lutas coletivas, comunitárias. As lideranças são unânimes ao afirmar que houve uma mudança na forma de ver as comunidades carentes. Agora eles vêem, acreditam e vivenciam o senso comunitário, a luta solidária em prol das necessidades da comunidade.

Em relação à visão dos entrevistados sobre a Universidade, Fontoura ressalta ter mudado em alguns aspectos, mas pergunta: “Que Universidade é essa que não ensina a colocar em prática a teoria? Que Universidade é essa que não cumpre seu papel social? Que Universidade é essa que diz que num trabalho como esse não tem ensino, pesquisa e extensão? A Universidade ainda tem muito que se esforçar para cumprir seu papel social de ensino, pesquisa e extensão”. A entrevistada finaliza dizendo que tanto a Universidade particular quanto a pública ainda está equivocadamente adormecida.

³¹ Schmitt, Carl. Apud: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tomo II. Brasília: Editora UnB, 1998, p. 959.

Já Brito, que trabalhou durante os sete anos do projeto, chama a atenção para o fato de não culpar a Universidade por não ter acreditado no projeto. Eles próprios, muitas vezes, tiveram vontade de desistir. Cunha ressalta o apoio da Universidade Católica e acha que a Universidade mostrou que pode cumprir seu papel para além daquele natural da preparação acadêmica, de forma a fazer com que as comunidades carentes sintam sua presença.

As lideranças percebem a Universidade, hoje, de forma bem diferente, ou seja, mais próxima da comunidade. Elas acreditam na possibilidade de ingresso dos mais pobres no universo acadêmico. Sr. João achava que era uma instituição somente para ensinar alunos, agora diz ele: “vejo que entram em campo e fazem”.

A grande mudança, porém, sempre será a interior, a partir da esperança, e é justamente aí que percebemos a modificação mais significativa a que foram submetidos, não apenas os integrantes da comunidade, mas também os aplicadores do projeto. Ambos mudaram no mesmo ponto: “A esperança do poder fazer, do poder transformar, e do poder ser”, fazendo deste ato a grande religião, no sentido lato de religar; religar o homem à sua condição humana da qual é, não raras vezes, alienado.

Assim, nos diz Fontoura que aprendeu a ter paciência com a instituição na qual trabalha, com seus acadêmicos e com mundo. Brito fala do aumento de sua sensibilidade e da profundidade com que hoje vê as coisas. Cunha afirma ter se tornado uma pessoa mais comprometida ao afirmar:

[...] não é que tenha mudado isso em mim, porque isso na verdade, isso eu vou dizer pessoalmente, isso já existia em mim, não é, mas fixou em mim, não é, mais do que mudar, fixou em mim a visão esta, não é, de que, na verdade, na nossa comunidade, e no nosso dia, e a minha vida, se eu for pensar individualmente, como um indivíduo de classe média, eu vivo num outro mundo na verdade; o meu mundo é outro. Eu vivo vinculado, eu posso estar vinculado na internet, conversando com os meus amigos na Itália, eu posso estar assistindo a minha TV a cabo e vendo programação dos outros, enfim eu acesso as Universidades, eu sou professor, eu tenho acesso à informação, eu tenho acesso a bens materiais, à tranqüilidade... O meu mundo não é todo mundo. Eu faço parte de uma elite da minha cidade, que é uma parte muito pequena da população na verdade e, o que ficou fixado em mim a partir da convivência neste projeto é de que amanhã ou depois, e até mesmo na minha profissão, e até mesmo enquanto comunicador social, eu também

participo de programas de rádio, participo de programas de... na televisão, que eu tenho o dever de sempre de, quando fizer uma análise assim do todo, não esquecer que a maioria das pessoas da nossa cidade não vivem no mundo que eu vivo, não esquecer que na verdade, na hora que eu for fazer uma análise daquilo que é importante pra minha cidade, não posso deixar de levar em consideração que é isso que eu presenciei; que grande parte da população de Pelotas vive numa situação de abandono, vive numa situação de grande precariedade; e que pessoas como eu, que têm acesso aos meios de comunicação, que têm acesso à informação, que têm acesso a uma série de coisas, não é, de bens materiais e imateriais, não pode abandoná-los. Eu fiquei muito mais comprometido num certo sentido. Não é que isso seja novidade pra mim, eu já sentia isso, mas, isso se solidificou em mim. Eu fiquei muito frustrado, muito marcado, pra mim, e eu me pego sempre fazendo isso e acho bom que muitas vezes, no meu ambiente, onde as pessoas não têm essa experiência e que na hora de fazer uma análise da situação que nós vivemos, na hora de fazer uma reflexão sobre a cidade que nós queremos, eu percebo que muitas vezes eu consigo trazer pra discussão, pra reflexão, elementos de realidade que muitas vezes não são percebidos por pessoas da classe média, da classe bem estande da nossa cidade. Isso eu acho que é uma contribuição que eu posso dar, e que tem a ver exatamente por ter participado do projeto, por ter assim, convivido com pessoas que vivem uma realidade completamente diferente da minha, e que me ajudaram muito a perceber que a minha realidade é uma realidade de poucos, de privilegiados da minha cidade, e eu tenho o dever de, quando pensar na cidade como um todo, não abandoná-los, não deixá-los esquecidos. Então eu tenho isso muito presente pra mim. E eu acho que isso foi uma mudança, uma mudança nesse sentido, não é, uma fixação em mim desses elementos que foram muito importantes.

Os líderes comunitários passaram a sentir-se parte integrante da comunidade. Gracinda obteve um desvelamento da realidade que a coloca hoje à frente da comunidade dos pescadores, ligada ao IBAMA, ativamente. “Sei a quem recorrer e aonde me dirigir”, ressalta.

Finalizamos este subcapítulo com o Sr. João, que retorna com a palavra-chave, ao fazer referência ao que considera sua maior mudança: “Esperança. Tenho mais uma perspectiva de vida”.

6.8 Das questões pertinentes à teoria do ecomunitarismo

Primeiramente, fazemos lembrar que educação para Velasco, conforme já abordada no capítulo IV deste trabalho, é sinônimo de conscientização e que, para Freire, é constituída por dois elementos complementares e indissociáveis que são: o desvelamento crítico das instâncias de dominação existentes na realidade e a ação transformadora sobre a mesma; ação esta que conduzirá à construção de uma comunidade humana sem opressores nem oprimidos. Velasco, à luz da EA, substitui o termo “comunidade humana” por ordem socioambiental sustentável nas relações inter-humanas e entre os seres humanos e o restante da natureza. A definição de Educação Ambiental, proposta no início deste trabalho, em sua apresentação, corrobora a afirmação anterior ao dizer que ela é livre de dogmas de qualquer espécie, congrega profissionais de todas as áreas, visa à harmonia entre homem e natureza, e destes entre si e consigo mesmo. O educador ambiental não se vê apenas como parte integrante da natureza, mas a própria natureza em ação.

Lembramos, ainda, que, para Freire, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Velasco conclui, então, que educar-se é conscientizar-se em diálogo com os outros no contexto de uma transformação sobre a realidade “ecossocial”, rumo à ordem socioambiental sustentável, a que ele denomina de ecomunitarismo. Educação Ambiental, então, passa a ser a educação problematizadora, desveladora da realidade, sem a qual não podemos almejar os horizontes utópicos do ecomunitarismo. Há obrigatoriamente a necessidade da mudança comportamental, que é, por sua vez, uma outra forma de definir Educação Ambiental. Velasco nos propicia a visão de uma sociedade ecomunitária em sua plenitude, em seu artigo intitulado, “A educação ambiental realista pede o impossível”³². No texto, o autor permite o resgate da ordem socioambiental ecomunitarista vivenciada pelo personagem Almotásim, no seio de uma comunidade a qual denominou cidade/planeta de Tlön, local onde as relações capitalistas e de esgotamento dos recursos naturais foram superadas. Tal sociedade constitui o horizonte utópico do ecomunitarismo.

³² VELASCO, Sírio. “A educação ambiental realista pede o impossível”. Texto inédito, 2005.

Coloca-nos Fontoura que ecomunitarismo trata-se de uma proposta pós-capitalista, que vem a ajudar as pessoas e o próprio meio ambiente. A professora chama a atenção ainda para o fato de “que o professor Sírio partia do pressuposto de que para se fazer um trabalho dentro de uma visão ecomunitarista tem que se fazer a pergunta, o que devo fazer?, o que devemos fazer?, e que diante de uma problemática ambiental temos que responder a essa pergunta”. Brito faz a mesma colocação ao dizer que o ecomunitarismo é um projeto de vida pós-capitalista. Diz ainda que há uma estimativa desse projeto se realizar mas muito à frente, daqui a muitos anos, porque se trata de um projeto de sociedade igualitária, onde todos teriam as mesmas chances, de qualidade de vida, de economia.

Para Neuza, trata-se de uma comunidade vivendo em comunhão. Cunha é objetivo ao afirmar que faz uma idéia pelo nome, porém, entende ter este também um caráter pedagógico. Na sua visão, trata-se de uma coisa muito mais ampla do que apenas o trato das questões ambientais, diz mais respeito ao resgate e inserção do ser humano numa condição melhor de vida. Para a líder comunitária Cica, trata-se de uma melhoria, uma vez que as casas foram melhoradas. Paulo crê ser uma integração de comunidades e ecossistemas. Sr. João não tem idéia do que se trata, diz apenas que é coisa de ecologia, de comunidade em geral. Gracinda afirma não se lembrar mais.

Quanto ao que seja a EA, nos diz Fontoura tratar-se de uma proposta político-pedagógica, contextualizadora, problematizadora e de longo curso. Brito colabora lembrando que EA tem vários conceitos, mas que para ele tem que começar com o bem-estar interior. Para Neuza, é desenvolver a sensibilização da consciência do ser humano para as questões ambientais. Cunha novamente é claro ao afirmar que faz uma idéia, mas que para ele é um processo de reeducação, de tal sorte que o ser humano possa se relacionar com seu meio ambiente, com o próprio homem e consigo mesmo. Dona Cica diz que para ela é a limpeza, manter tudo limpo. Sr. Paulo é mais crítico ao dizer que é coisa precária aqui. Joga-se qualquer coisa no meio ambiente para poluir ainda mais o que já está poluído. Sr. João afirma que vem a ser o cuidado com o meio ambiente, com as águas, com as árvores, etc. Gracinda é convicta ao dizer que é algo mais do que cuidar do verde ou

reciclar lixo. É também saber de tudo um pouco, mas que ainda não tem condições de explicar muito bem por estar aprendendo.

Ao falar sobre educação ecomunitarista, Fontoura nos diz “tratar-se de uma educação onde há um planejamento, uma auto-organização, há uma organização ecomunitária, busca de alternativas de renda, alternativas para solucionar problemas. Não existem pessoas inferiores nem superiores”. Ela a denomina de “teia interligada”. Para ela, se começa a entender o que é ética, cidadania, democracia, meio ambiente, direitos humanos, cidadania planetária, ao começar a trabalhar dentro de uma proposta ecomunitarista. Para a entrevistada, a proposta ecomunitarista nos faz pensar em que ser humano somos e em que ser humano queremos ser.

Para Neuza, educação ecomunitarista é uma educação construída. Cunha diz ter presenciado algumas atividades sob esse nome, e reafirma ser uma atividade que transcende ao cuidado com a natureza, chegando ao resgate do ser humano. Dona Cica diz desconhecer o tema. Para Sr. Paulo, é procurar adaptar o pessoal nesse sistema de EA. Diz ainda que não adianta se dizer ambientalista se não cuidar do meio ambiente. Sr. João diz não ter idéia do que se trata. Para Gracinda, trata-se de uma vida em harmonia, sem atritos, saber lidar com as pessoas.

Fontoura fala a respeito da EA ecomunitarista dizendo tratar-se da busca de justiça social, de um equilíbrio entre ser humano e natureza. Brito diz ser uma ação permanente, e afirma não poder ser um assistencialismo natalino, mas um resgate da cidadania. Neuza acredita tratar-se de uma ação comunitária voltada para todos da comunidade ecomunitária. Dona Cica declara desconhecer o que seja. Sr. Paulo é enfático ao dizer que é aquela que tem que ensinar e não dar o peixe. Sr. João acha que é a busca da preservação do meio ambiente, das reservas naturais. Gracinda relaciona, novamente, à questão da harmonia comunitária.

Fontoura, ao falar da ordem socioambiental ecomunitarista, explica dizendo que partiu inicialmente do desvelamento da realidade, levantamento da problemática socioambiental. Para Brito, é o trabalho por eles realizado. Cunha é franco ao dizer que, como “ordem socioambiental ecomunitarista”, não saberia responder. Os demais membros da comunidade se ausentaram da resposta.

Em relação ao questionamento feito sobre o conhecimento das três normas éticas de Velasco, todos os entrevistados se ausentaram de resposta.

Percebemos, no conjunto, uma carência teórica do que vem a ser a ordem socioambiental ecomunitarista, na qual devem vigorar as três normas da ética de Velasco. Porém, simultaneamente, constatamos o sucesso empírico do projeto denominado Ecomunitarismo da UCPel, no tocante à qualidade de vida da comunidade São Gonçalo, hoje Bairro Ecossolidário. Acreditamos que, tanto aos que trabalharam na execução do projeto, quanto aos membros da comunidade, deveria ter sido oferecido um maior aporte teórico das bases do ecomunitarismo, bem como uma visão panorâmica da sociedade ideal, que nada mais é do que a ordem socioambiental sustentável descrita por Velasco. De posse dessas informações, a comunidade não estaria sujeita, em tendo sido finalizado o projeto e, em se afastando a professora Fontoura, à desagregação social por falta, justamente, desse norte oferecido pelo ecomunitarismo, e não poria em risco também toda a grande conquista realizada por Fontoura e seus colaboradores.

Finalmente, acreditamos que se o projeto traz à frente o selo do ecomunitarismo, todas as suas definições devem dele partir e nele se espelhar, não dando margem a confusões conceituais. Acreditamos que, para tanto, deveria ter sido fornecido o sólido aporte teórico do ecomunitarismo, tanto para os membros aplicadores do projeto, como para os membros da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a luta dos empreendedores do trabalho coordenado por Fontoura não conseguiu a implantação da ordem socioambiental sustentável, que se denomina ecomunitarismo, foi pelo simples fato de que, como nos lembra Velasco, “a impossibilidade de realização faz parte de seu caráter utópico, porém constitui-se em guia indispensável para a ação, um norte, sem o qual podemos ficar sem rumo e andando em círculos, mesmo diante das melhores intenções”.³³

Ao olharmos para trás, e vislumbrarmos a realidade passada da Comunidade São Gonçalo, quando residia no Trevo, nos regozijamos com a melhoria da qualidade de vida da atualidade desta mesma comunidade. Quase não somos capazes de reconhecer nossos companheiros de luta. E, ao dizer companheiros, assim o faço porque essa luta é de todos nós. Afinal, cada ser humano está sendo chamado a ser um educador ambiental.³⁴

As ações conduzidas por Fontoura e sua equipe de colaboradores conseguiram, através do desvelamento crítico constatado em nossa pesquisa, promover a transformação da realidade das pessoas que compõem a comunidade em questão, a qual é vítima, como tantas outras comunidades anônimas, do sistema excludente do capital que os mantinha em um processo de alienação global. As pessoas viviam em uma total desorganização, doentes, privadas de um direito básico da condição humana, que vem a ser o direito à nutrição; viviam em condições tais de precariedade, que fazia com que o termo sub-humano sequer tangenciasse a realidade por eles vivenciada.

³³ Velasco, Sírio. Op. cit., 2005.

³⁴ Velasco, Sírio. Op. Cit., 2004, p.13.

Verificamos que o trabalho desenvolvido conseguiu, como sugere Velasco³⁵, colocar os instrumentos da cultura erudita a serviço da conscientização/mobilização dos oprimidos em luta para superar as barreiras impostas pelo capitalismo. E se, como salientamos anteriormente, tal trabalho não conseguiu implantar a ordem socioambiental sustentável, permitiu que estes mesmos indivíduos, membros da comunidade São Gonçalo, estejam começando a organizar-se ao redor da cooperativa que começa a ser estruturada. E se estes ainda não se encontram multilateralmente desenvolvidos, tiveram enriquecido o respeito pela natureza. Prova maior é a atividade consciente que realizam em torno da coleta de materiais recicláveis, matéria-prima e fonte de renda de sua futura cooperativa.

Os membros do projeto tomaram como ponto articulador da ação pedagógica as questões ligadas à realidade concreta. Vincularam a cultura erudita e a cultura popular. A contradição educador/educando foi superada também com a promoção de palestras para os acadêmicos da UCPel realizadas por pessoas da própria comunidade alvo, e com os cursos ministrados para a comunidade de forma interdisciplinar pelos acadêmicos das Universidades Federal e Católica. A superação dessa contradição educador/educando foi possível à medida que se propiciou a construção dialógica do conhecimento vivo, pela consciência de que são, ambos, sujeitos investigadores críticos, desveladores da realidade.

O projeto combateu pela crítica e auto-reflexão o fatalismo e o assistencialismo, apesar de que diante do quadro inicial com que se depararam, a ação primeira não podia ser outra que não esta, assistencial, pelo fato de que a fome diminui a razão e promove os instintos de sobrevivência a índices extremamente elevados. Em outras palavras, a fome rouba a audição. Apostou-se na capacidade de luta dos e com os oprimidos para bem melhorar a vida de todos, na busca de suplantar as dificuldades impostas pelo capital, apesar de não podermos, nesse nível microcósmico e momentâneo, suplantá-lo. Desenvolveu-se a tomada consensual de decisões através de eleições democráticas para a escolha das lideranças comunitárias. Até mesmo a ocupação do terreno, em que hoje se encontram e onde estão sendo construídas suas moradias de alvenaria, em convênio firmado entre a prefeitura de Pelotas e a Caixa Econômica Federal, foi determinada em

³⁵ Velasco, Sírio. Op. cit., 2004, p. 12.

consenso. Nesse momento, já se manifestava o crescimento da capacidade de articulação dessa comunidade.

Chamamos a atenção para a entrevista concedida (anexos) pelo vereador do PT, o arquiteto Paulo Oppa, ex-Secretário de Habitação do governo Marroni, gestão 2000/2004, em que descreve os princípios pelos quais deve se dar a formação da cooperativa, originados na FUCVAM (*Federación Uruguaya de Cooperativismo de Viviendas por Ayuda Mutua*).

A comunidade que vivia em estado de miserabilidade total, símbolo da exclusão social da cidade de Pelotas, mergulhada em um contexto econômico que a todos envolve de forma subliminar, inclusive, negando a possibilidade de outra realidade social, emerge vitoriosa nesta instância de sua história, hoje rebatizada de Bairro Ecosolidário.

O capitalismo, em seu reinado de quatrocentos anos, tem como pai o economista inglês Adam Smith (1723/1790). O economista tem em sua obra máxima, intitulada “Investigação sobre a natureza e causas de riquezas das nações”, mais conhecida como “A Riqueza das Nações”, expostas as leis econômicas do capitalismo de sua época, que para ele são naturais e têm dinâmica própria. Em relação à distribuição das riquezas, Smith nos diz que “nenhuma sociedade poderá ser florescente e feliz se a maioria a ela pertencente for pobre e miserável”. Em contrapartida, será o mesmo Smith a dizer, referindo-se à primeira lei que descobre no capitalismo, que

a força motriz da atividade econômica se encontra no egoísmo humano. Esperamos receber o alimento, não da benevolência do açougueiro ou do padeiro, mas de seus objetivos, de seu interesse próprio. Não imploramos sua humanidade, acudimos seu egoísmo. Para conseguir seus serviços não lhes falamos de nossas necessidades, mas de suas vantagens.³⁶

Neoliberalismo, por sua vez, vem a ser “a doutrina, desenvolvida a partir da década de 1970, que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal

³⁶ IRIARTE, Gregório. *Neoliberalismo, sim ou não?* São Paulo: Paulinas, 1999, p. 14-15.

sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo³⁷”.

A educação ambiental, como prática política, deve buscar uma nova ordem econômica e social, portanto, vem a ser explicitamente caracterizada por uma mudança comportamental, que tem nos homens e mulheres que se entregam ao trabalho de construção desta nova realidade planetária seu grande agente transformador.

Como bem nos lembra Reigota, a propósito da educação ambiental, que

ela deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. A educação ambiental enfatiza antes a questão do “por que fazer” do “que como fazer”.³⁸

Reigota completa afirmando que “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs”.³⁹

O autor desta citação, apesar da sensatez demonstrada ao falar da necessidade da ética nas relações sociais, não especifica a que ética se refere. A proposta ecomunitarista é clara quanto a isso ao demonstrar através das três normas da ética fundamentais a possibilidade transformadora do modelo vigente, ou seja, das relações econômicas e sociais que esgotam os recursos naturais a ponto de comprometerem a própria existência humana. Vale lembrar que apenas um quinto da humanidade consome sozinho cerca de oitenta por cento de tudo o que é produzido no planeta. O ecomunitarismo aparece aqui como o contraponto da política neoliberal, calcada no egoísmo antiético de pura visão umbilical. É contra este modo de ver e fazer o mundo, esta visão umbilical, a qual nos referimos, que se posiciona o ecomunitarismo. Sua proposta é essencialmente clara, como claro faz-se o entendimento de sua fundamentação ética representada pelas suas três normas.

³⁷ HOUAISS. Dicionário eletrônico. Objetiva, 2002.

³⁸ REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 10.

³⁹ Idem, *Ibid.*.

Se de um lado temos a ordem capitalista representada pela sua forma mais aterradora, o neoliberalismo, a impor toda a sorte de mazelas ao planeta como um todo, do outro temos a proposta concreta do ecomunitarismo, “contraface” daquela, a convocar a todos para a construção de uma nova realidade – a realidade ecomunitária –, ordem socioambiental utópica, guia para a ação, na qual vigorariam plenamente as três normas da ética. Para isso, contamos com pessoas como as que conceberam, acreditaram e concretizaram o projeto liderado por Fontoura, que no dizer de Freire são “seres da transformação e não da adaptação”.⁴⁰

Todavia, se por um lado, no conjunto do projeto, se verifica a carência do aporte teórico, do conhecimento das normas da ética de Velasco, verifica-se também a fibra e determinação na manutenção deste, durante seus sete anos de existência, e reconhecemos, por isso, as conquistas realizadas. Certamente foi uma conquista hercúlea, para a qual dedicamos toda a nossa consideração e respeito. Tememos, todavia, que, com o encerramento do projeto, a comunidade ausente do aporte teórico do ecomunitarismo, portanto, sem o norte regulador que este representa, e levando-se em conta que nele devem vigorar as três normas da ética, base da sociedade ecomunitária, possa, no dizer de Velasco, ficar andando em círculos, mesmo diante das melhores intenções. Isto é algo que só o tempo dirá.

⁴⁰ FREIRE, Paulo. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 1992.

_____. *História da educação*. São Paulo: Moderna, 1998.

AUSTIN, John L. *How to do things with words*. London: Clarenton Press, 1962.

AZEVEDO, José Clóvis de (Org.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Tomo II. Brasília: Editora UnB, 1998.

BOCHINIAK, Regina. "Interdisciplinaridade". *1º Congresso Paranaense de Instituições de Ensino*. SINEPE, 1998. Disponível em: <www.pucpr.br/institutos/sinepe/curso/palestras/interdisciplinaridade.html> Acessado em: 09/08/2000.

BRANDÃO, Carlos R.. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

CHAPLIN, Charles. Do filme *O grande ditador*. 1936.

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. *O que é cidadania?* São Paulo: Brasiliense, 1999.

CORTES, Soraya M. Vargas. "Pesquisa Social Empírica: Métodos e Técnicas". *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

D'ANDREA, Flávio Fortes. *Desenvolvimento da personalidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.

DEMO, Pedro. *Educação e desenvolvimento*. São Paulo: Papyrus, 1999.

- FAZENDA, Ivani. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, Paulo. *À sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FORRESTER, Viviane. *Horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da exclusão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- GIBRAN, Gibran Khalil. *O profeta*. São Paulo: Catavento, 1976.
- GREIDER, Willian. *O mundo na corda bamba*. São Paulo: Geração Editorial, 1999.
- GUIMARÃES, Célia Silva. *Pontos de psicologia geral*. São Paulo: Ática, 1991.
- IRIARTE, Gregório. *Neoliberalismo, sim ou não?* São Paulo: Paulinas, 1999.
- LEVIN, Henry, CARNOY, Martin. *Escola e trabalho no Estado capitalista*. São Paulo: Cortez, 1993.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias - Funcionamento & Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- PONCE, Anibal. *Educação e luta de classes*. São Paulo: Cortez, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS. *Imagens aéreas – Quick Bird*. Pelotas, 2005.
- REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANTOS FILHO, José Camilo dos, GAMBOA, Sílvio Sanchez (Org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVEIRA, Jara Fontoura da. *Projeto ecomunitarismo Universidade Católica de Pelotas*. Pelotas, 1998.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa - Ação*. São Paulo: Cortez, 1998.
- TRATTNER, Ernest R.. *Arquitetos de idéias*. Porto Alegre: Globo, 1953.
- TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. *Bases Teórico-Methodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais*. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

VELASCO, Sírio Lopez. *Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

_____. “Ética, educação ambiental e mudança social rumo ao ecomunitarismo”. *Ambiente & Educação*. Revista de Educação Ambiental. Rio Grande, 9: 9-27, 2004.

_____. “A educação ambiental realista pede o impossível”. Texto inédito, 2005.

FURG - NID

ANEXOS

Questionário de Pesquisa

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

5. Você sabe o que é a ordem sócio-ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no Trevo? E como é agora na CEVAL?

8. Como era a saúde quando vocês moravam no Trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no Trevo?

a. Marido e mulher? E agora na CEVAL?

b. Pais e filhos? E agora na CEVAL?

c. Entre os irmãos? E agora na CEVAL?

d. Demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?
13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?
14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do Trevo? E agora na Ceval?
15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?
16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porque?
17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião?
18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?
19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora?
20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)
21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?
22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?
23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?
24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*
25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?
26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?
27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?
28. Mudou o seu ponto de vista político?

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (*aos pobres*) as comunidades carentes?
30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?
31. Mudou sua visão em relação à Universidade?
32. O que você acha que mais mudou em você?

Proposta do Projeto Ecomunitarismo UCPel

Projeto ecomunitarismo UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS

PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO

TÍTULO: Projeto Ecomunitarismo (Projeto interdisciplinar, articulador das lutas sócio-ambientais e integrador do saber acadêmico e o popular)

Local: Continuidade do bairro Simões Lopes (comunidade que mora debaixo da ponte Rio Grande/ Pelotas, as margens do canal São Gonçalo)

Coordenação: Prof^a. Ms. Jara Fontoura da Silveira

Público alvo: Agentes ambientais (catadores de lixo), desempregados (homens e mulheres), idosos, crianças , adolescentes...

Duração prevista: 5 anos

Início: 1998

Término: agosto/2004

Alunos de diversos cursos da UCPel:

Ecologia, Direito, Serviço Social, Biologia, Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Teologia, Medicina, Farmácia, Comunicação, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Eletrônica, Economia, Letras, Química, Matemática, Informática, Arquitetura, Jornalismo....

JUSTIFICATIVA:

A afirmação de que as coisas são assim porque não poderiam ser de outra forma é odientamente fatalista, pois decreta que a felicidade pertence apenas àqueles que têm poder. Os pobres, os deserdados, os excluídos estariam fadados a morrer de frio, não importa se no sul ou no norte do mundo. (...) Somos seres da transformação e não da adaptação.

(FREIRE, 1995)

Creemos que é imensa a nossa missão diante da tarefa sócio-educativa deixada pelo professor Paulo Freire, o qual lutou uma vida inteira pelos excluídos e também para que houvesse uma educação realmente libertadora e construtora da cidadania e da ética.

O grande desafio que nos é lançado nesse final e início de novo século não pode mais ser ignorado ou deixado como segundo plano. É *mister* que a educação ocupe de fato a seu papel diante de uma civilização em crise de paradigmas ... As Universidades estão sendo chamadas, nesse momento importante de transição civilizatória, a contribuir de forma interdisciplinar, transdisciplinar, ética, solidária, a qual segundo o relatório da UNESCO Commission Internationale Sur L'Education pour le vingt et siécle, presidida por Jacques Delors deve fazer com que possamos:

- aprender a aprender
- aprender a fazer
- aprender a conviver
- aprender a ser.

E segundo a professora-pesquisadora Hedy Silva Ramos de Vasconcelos, no livro educação ambiental – Reflexões e práticas contemporâneas em 1998 a Universidade está sendo chamada a se comprometer com o processo político do país, quando afirma que:

O impulso que tem levado a Universidade brasileira e alguns centros de pesquisa a se comprometerem com o processo político do país, levando-os a se exporem aos riscos da aproximação física dos conflitos sociais, fora do campus universitário, é gerado do espanto diante dos contrastes existente na nossa sociedade. (...) O ensino, a pesquisa e a extensão, no caso da Universidade, ficam envolvidos no processo de pensamento que acompanha essas atividades, vistas pelos que nelas se envolvem, muitas vezes, como o cumprimento de um compromisso social, enquanto universitários.

Assim também a Universidade, por todo esse processo de construção real das nossas teorias e praticas, deve buscar um viver harmonizado conosco, com todos os outros, com todas as formas de vida deste planeta. E por isso, é que entendemos que o projeto Ecomunitarismo, poderá dar a sua parcela de contribuição através de uma das exigências primordiais das novas diretrizes curriculares que é de que se proporcionem a inserção dos acadêmicos, através de seus cursos, em atividades onde a teoria e a prática sejam vivenciadas através de um trabalho alicerçado em princípios éticos, solidários e libertadores dentro da própria comunidade.

O projeto Ecomunitarismo será desenvolvido às margens do canal São Gonçalo, com uma comunidade com dificuldades referentes ao: desemprego, moradia, alimentação, educação e saúde... Tal projeto será desenvolvido contando com a participação de vários acadêmicos oriundos de áreas educativas diferentes da UCPel. Com esses feito pretende-se unir os saberes dos diversos cursos, através de uma pesquisa-ação, em prol da busca de soluções de problemas sócio-ambientais detectados como prioridades desta comunidade. E também dessa forma contribuir para o exercício da cidadania e da ética dos próprios acadêmicos.

A Pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimento, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Parte da informação gerada é divulgada, sob forma e por meios apropriados, no seio da população. Outra parte da informação, coteja os resultados de pesquisas anteriores, é estruturada em conhecimentos. Esses são divulgados pelos canais próprios das ciências sociais (revistas, congressos etc.) e também por meio de canais próprios a esta linha de pesquisa. (THIOLENT, 1998)

Esse projeto recebeu o nome de Ecomunitarismo em homenagem ao Dr. Sírío Velasco, professor da FURG e escritor do livro “Ética de la liberación” (OIKO – NOMIA) em 1996. Educador e seguidor de Paulo Freire vem há muitos anos dedicando-se a evitar a proliferação de todas as formas de exclusão social, e em seu livro justifica a palavra Ecomunitarismo como sendo:

Ecomunitarismo el régimen comunitario poscapitalista capaz de pautar las relaciones laborales inter-humanas y entre los seres humanos y la naturaleza por las normas éticas que hemos deducido trascendentalmente a partir de la gramática de la pregunta “qué debo/ debemos hacer?”

Baseando-nos em tal fundamentação teórica, e conceituação justifica-se ainda que esse projeto tende a se superar pelo fato de não só contribuir para o entrelaçamento do saber universitário e o popular, assim como desenvolver de forma integral e harmônica um crescimento individual e grupal de todos aqueles que vierem conosco participar neste momento sócio-solidário-educativo. E essas participações dar-se-ão de várias formas atingindo desde os empresários, comerciantes, instituições educacionais, culturais, meios de comunicação..., até chegarmos à comunidade pelotense como um todo.

É importante ressaltar que se aqueles moradores debaixo da ponte em determinado período tiverem que saírem daquele local, estaremos juntos com eles (estudantes e coordenadores da UCPel), a fim de ajudá-los em mais essa fase de sua história existencial. Desejamos que onde quer que se encontrem, sejam reconhecidos e respeitados pelo seu potencial criativo, organizacional e de cidadãos e cidadãs do universo. Finalizemos essa justificativa fazendo nossas as palavras de Marcos Reigota em 1994 quando anuncia:

Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãs e cidadãos.

Objetivo geral: Possibilitar o exercício da cidadania, da ética, da interdisciplinaridade entre os acadêmicos da UCPel e a comunidade debaixo da ponte, através da pesquisa-ação para a solução de alguns dos problemas socioambientais detectados como prioridades pela comunidade.⁴¹

Objetivos específicos:

A) Capacitar os acadêmicos do Projeto Ecomunitarismo a:

- com base em princípios éticos, refletir sobre a importância de seu ser e agir na história,
- avaliar os problemas ambientais, em função das ordens econômicas, políticas, sociais, ecológica, cultural, educacional...,
- adquirir uma fundamentação teórica para alicerçar a sua prática durante todo a execução do projeto, participando de leituras específicas de livros sobre educação popular e E.A, assim como assistir minicursos Educação Ambiental dados pela internet organizados pelos professores Jara Silveira UCPel, Sirio Velasco FURG, Marcelo Pelizzoli PUC e Fernando Meirelles UCPel...,
- exercitar de forma concreta a sua cidadania,
- integrar todos os saberes tendo como ponto de partida a dimensão sócio-ambiental,
- buscar a elaboração e execução de um planejamento participativo com uma ação pedagógica fundamental para a realização deste projeto em busca da cidadania, da solidariedade e da ética,
- estimular a comunidade em atitudes preservacionistas, cooperativas, associativas e preventivas que busquem a integração Ser Humano e Natureza,
- buscar soluções junto a comunidade para os problemas enfrentados pelos habitantes,

⁴¹ A autora do projeto, nesse item, quer dizer que os membros da comunidade São Gonçalo deverão obter sua inserção social e a melhora de sua qualidade de vida através do trabalho de pesquisa-ação desenvolvido pelos acadêmicos da UCPel.

- envolver outras pessoas e entidades para o desenvolvimento do projeto,
- contribuir para a construção de cooperativas e frentes de trabalho,
- elaborar uma revista com os moradores, com o objetivo de esclarecer dúvidas relativas a sua comunidade,
- construir uma sede de mutirão com os moradores para as reuniões,
- publicar um livro relatando todas as experiências, e dados ocorridos durante o projeto.

B) Capacitar os moradores da cidade⁴² a:

- organizar suas lideranças,
- elaborar alternativas para os problemas detectados,
- resgatar a sua cidadania através do seu potencial criativo,
- formar cooperativas a fim de conseguirem alternativas diversificadas de trabalho,
- adquirir postura ética e solidária em relação a sua comunidade e o meio ambiente como um todo,
- analisar criticamente os problemas nos quais estão inseridos,
- oportunizar a busca da coletividade como forma de organização e luta existencial...,
- participar da organização de uma revista aproveitando suas experiências dentro dessa comunidade,
- despertar nas lideranças do bairro a necessidade de parcerias para a busca de soluções de problemas detectados como principais, utilizando os meios jurídicos, sociais, educacionais e ambientais ...

⁴² Neste item do projeto, a autora refere-se, na realidade, à comunidade São Gonçalo e não à cidade de Pelotas.

- desenvolver o espírito da: autonomia, criatividade, criticidade, ética, solidariedade, coletividade, organização comunitária do amor ao próximo, do respeito ao meio ambiente, unidade e interdependência...

METODOLOGIA

A metodologia a ser seguida será a seguinte:

- diagnóstico da realidade;
- planejamento interdisciplinar e participativo;
- visitas domiciliares;
- organização comunitária;
- mobilização dos moradores;
- reunião de grupo com os moradores;
- reuniões de estudo, planejamento e avaliação com a equipe atuante;
- entrevistas/encontros;
- oficinas interdisciplinares;
- plantões (prestações de serviços por curso),
- mutirões;
- campanhas;
- eleição dos líderes da comunidade;
- escolha de um nome para a comunidade;
- ação pastoral;
- capacitação de agentes comunitários;
- participação dos estudantes em simpósios e congressos;
- elaboração de uma revista informativa denominada Fotoecomunitarismo;
- exposição do barracão da solidariedade;

- mobilização da comunidade pelotense para a prestação de serviços;
- organização de projetos culturais, esportivos e de lazer para os moradores;
- passeios ecológicos com a comunidade;
- organização de festas decorrentes no ano;
- alfabetização de adulto;
- criação de um grupo de teatro e de amigos da natureza;
- criação de grupos (terceira idade , adolescentes , mulheres ...);
- criação de uma cooperativa;
- criação de um livro contendo os dados da pesquisa-ação e as experiências de todos os grupos envolvidos (nome do livro: Experiências Ecomunitárias);
- seminário de conclusão do Projeto e divulgação do livro.

PARCERIAS E ATRIBUIÇÕES: Todas as parcerias deverão contribuir de acordo com sua especificidade de atuação. Exemplo: 5ª D. E. em relação aos assuntos retratam à Educação (apoio ao encaminhamento de crianças para as escolas...). Patrulha Ambiental, IBAMA, FEPAM, MAR DE DENTRO, participar nas atividades de preservação ambiental, (palestras para a comunidade sobre o impacto ambiental). Pastorais nas atividades relativas às questões espirituais e na organização de alternativas alimentares (formação de grupos de jovens e adultos, realização de encontros, ensinar a manusear a multi-mistura). FURG poderá participar no auxílio de atividades relacionadas às questões da problemática sócio-ambiental, através do mestrado de Educação Ambiental; UFPel através de cursos de Odontologia, Medicina, Veterinária, Nutrição...

METAS:

1ª Formação de um grupo de trabalho interdisciplinar para assessoria do Projeto Ecomunitarismo no prazo de 1 semestre;

- 2ª Montar diagnóstico da realidade e visitas domiciliares num período de 5 meses;
- 3ª Formar lideranças no bairro num período de 5 meses;
- 4ª Preparar a comunidade de catadores de lixo para resolverem os seus problemas socioambientais;
- 5ª Envolver a comunidade pelotense com o Projeto Ecomunitarismo
- 6ª Mobilizar a comunidade de catadores de lixo para a construção do barracão da solidariedade;
- 7ª Promover em um curto espaço de tempo o envolvimento dos diversos cursos da UCPel com o Projeto;
- 8ª Criação de uma cooperativa de catadores de lixo;
- 9ª Elaboração; divulgação e distribuição de 1500 exemplares do livro “Experiências Ecomunitárias”.

Cronograma de atividades - 1999

Obs: Cada etapa do Projeto será desenvolvida obedecendo aos meses estipulados, porém as atividades ficarão a critério de cada curso envolvido e de acordo realizado com a coordenação geral do Projeto Ecomunitarismo.

Atividades	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
1ª ETAPA	X	X			
2ª ETAPA	X	X			
3ª ETAPA			X	X	X
4ª ETAPA			X	X	X

Cronograma de atividades – 2000

Atividade	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.
4ª ETAPA			X	X	X	X
5ª ETAPA						
	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
4ª ETAPA	X	X	X	X	X	X
5ª ETAPA		X	X	X	X	X

Cronograma de atividades - 2001

Ativid.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	mar.	Mai.	Jun.	Jul.
5ªEtapa			X	X	X	X	X	X

OBS: A AVALIAÇÃO DO PROJETO ECOMUNITARISMO SERÁ DE FORMA CONTÍNUA, CONSTRUTIVA E INTERDISCIPLINAR. SENDO REALIZADA ATAVÉS DE REUNIÕES, RELATÓRIOS E SEMINÁRIOS POR TODOS OS CURSOS ENVOLVIDOS.

Obs: Apoio financeiro em outras atividades que possam surgir conforme o desenrolar do próprio projeto, como torneios esportivos, apresentação cultural, saídas em excursões com os moradores...

Patrocínio: Estamos tentando conseguir junto a algumas firmas...

Parceiros: Os contatos estão em andamento com a 5ª CRE, FEPAM, Mestrado de Educação Ambiental/FURG, Rotary Club, UFPel...

ENTREVISTAS

Entrevista com a Professora Jara Fontoura

Professora Ms. da Universidade Católica de Pelotas

Autora do Projeto Ecomunitarismo

1. Você sabe o que é ecomunitarismo? Caso saiba, explique.

O que é ecomunitarismo para ti?

Ecomunitarismo pra mim é uma proposta pós-capitalista que venha a ajudar as pessoas e o próprio meio ambiente com essa ação e com essa função teórica que tem o ecomunitarismo. O professor Sírio partia sempre do pressuposto que pra se fazer um trabalho voltado, dentro de uma visão ecomunitarista tem que ter a pergunta, "o que devo fazer?", "o que devemos fazer?". Diante de uma problemática socioambiental temos que responder essa pergunta. Não podemos cruzar os braços. É uma proposta ecomunitarista, ela vai ajudar na auto-organização, vamos dizer assim, das pessoas envolvidas.

2. Você sabe o que é educação ambiental? Caso saiba, explique.

O que é EA para ti?

EA é uma proposta político pedagógica, que vai requerer justiça social, cidadania planetária, ética. EA é uma proposta complexa, contextualizadora, problematizadora, enfim, eu acho que EA é acima de tudo ela se torna complexa porque ela trabalha com a subjetividade e a subjetividade demanda muito tempo, muita energia. É uma visão, vamos dizer, integrativa, retroalimentativa, onde vários segmentos são chamados para que se unam e consigam, então, elaborar uma devida resposta a problemática que está sendo vivenciada, seja uma comunidade indígena, comunidade de pescadores, enfim, seja onde estivermos atuando. Então, EA não é a salvadora da pátria, né. Ao meu ver, é uma proposta educativa que vai nos possibilitar a construção de um mundo melhor, com certeza.

3. Você sabe o que é educação ecomunitarista? Caso saiba, explique.

O que é Educação Ecomunitarista para ti?

É uma educação onde há um planejamento, há uma auto-organização, há uma organização, ecomunitária, há busca de alternativas, desde alternativa de renda, alternativa pra solucionar os problemas, não é, não existe pessoas superiores ou inferiores. Nós ficamos numa condição de igualdade, buscando todos uma responsabilidade diante dos atos, dos fatos que

estão ocorrendo naquele momento. Eu chamo de uma teia, né, uma teia interligada, uma teia..., vamos dizer assim, com raízes muito profundas. Num exato momento, a gente não percebe as conseqüências desse ato e quando a gente começa a trabalhar dentro de uma proposta ecomunitarista é que a gente começa a entender o que é a ética, o que é realmente democracia, cidadania, responsabilidade planetária, direitos humanos, meio ambiente, né. Então, acredito que uma proposta ecomunitarista acima de tudo nos faz pensar que ser humano nós somos, ou que ser humano queremos ser.

4. Você sabe que tipo de ação social busca a educação ambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Qual a ação social que busca a EA Ecomunitarista?

Eu acho que ela busca, eu acho não, eu tenho certeza. Ela busca uma justiça social. Ela busca um equilíbrio entre ser humano e natureza.

5. Você sabe o que é a ordem socioambiental ecomunitarista? Caso saiba, explique.

Ordem socioambiental ecomunitarista? Podes me reformular essa pergunta de outra forma pra que eu possa responder. O quê que tu entendes por ordem? O quê que... tu quis ...? Eu não sei bem como é que tu queres que eu explique essa ordem... *Eu quero saber justamente isso, ordem socioambiental ecomunitarista? Como é que te bate no ouvido isso, o que seria pra ti isso, ordem socioambiental ecomunitarista?*

Bom, eu não sei se te respondo assim... Se tu queres é..., que eu explique, eu não sei bem como é que tu queres que explique eu explique, eu, eu, não, não...

Bem, eu quando comecei a fazer o trabalho, eu parti primeiro do desvelamento da realidade, levantamento da problemática socioambiental, né. Esse desvelamento foi feito da seguinte forma; nós nos inserimos dentro da comunidade e fomos ouvir a comunidade. Começamos a traçar diálogos, tanto esclarecedor pra nós como pra própria comunidade. Porque primeiro de tudo, quando se vai trabalhar num trabalho ecomunitário eu tenho que pedir permissão para entrar. Após essa permissão, então, se traçou esse trabalho de desvelamento da realidade. Depois de forma coletiva se trabalhou a, vamos dizer assim, oh, o levantamento da problemática. Depois a busca de soluções, tá. É um trabalho que trabalha com coletivo, nunca com o individualismo, embora o individual seja respeitado, né. Então a gente trabalha de forma cooperativada, vamos dizer assim. É..., o diálogo é algo que, eu diria, é o alicerce dessa proposta, tá. Ah, o que mais que eu posso te dizer? O processo de avaliação. A cada passo, a

cada assembléia, a cada levantamento de propostas, encaminhamento, a comunidade se reunia pra fazer um levantamento e uma avaliação das perdas e os ganhos desse processo. Eu acho que é isso.

6. Você sabe quais são as três normas fundamentais da ética? Caso saiba, explique.

Não, eu não... Eu sei que tem, que o Sírio escreveu, mas eu não li.

7. Como era a comunidade São Gonçalo quando vocês moravam no trevo? E como é agora na CEVAL?

A comunidade no trevo era uma comunidade, eu diria, um tanto perdida, não é. Eles não se achavam nem cidadãos, nem fazendo parte de nada, muitos não tinham identidade, CPF, carteira de trabalho, certidão de nascimento, por causa que as enchentes haviam tudo, é... outros totalmente em condição de miséria, sem nada mesmo pra comer, sem trabalho. A cidadania faltando-lhe, né. Em relação a questão ambiental, se eles não se sentiam nem fazendo parte enquanto seres humanos, quanto mais, eles diziam pra mim: "esse tal de meio de ambiente. Que é isso, meio ambiente, não é." Eles não entendiam essa questão. Flora, fauna, eles até escutam na televisão, mas isso era um outro mundo deles, não fazia parte deles. Então era uma comunidade, eu acho que, coibida de saber da sua própria miséria, não é. E com o passar dos anos e com trabalho do projeto ecomunitarismo, houve, vamos dizer assim, um desvelamento subjetivo, primeiro, muito subjetivo. E esse desvelamento, foi possibilitando a própria comunidade, ah..., olhar pra dentro da própria comunidade, né. Os indivíduos começaram a pensar enquanto seres humanos, enquanto mãe. Eu penso que esse processo eu chamo de processo libertador, e um processo não induzido, um processo subjetivo construído, tá. Olhando do Trevo para o Ceval, primeiro mudou a consciência socioambiental. Eles viviam no meio do lixo, achavam aquilo normal, aqueles ratos, a própria leptospirose, crianças aparecendo ruídas nos dedos dos pés, aqueles mosqueiro, o fato de eles estarem aterrando o canal. Havia uma venda nos olhos deles. E aí o que é que aconteceu?, houve uma construção do pensamento crítico. Começaram a se posicionar, eles começaram a analisar a situação e começaram a tomar decisões. Isso foi fantástico. A tomada de decisão, tanto individual como coletiva, começa a eclodir na comunidade. E de uma forma até dolorosa com dificuldades de reconhecer. Eu lembro de uma ocasião em que nós estávamos discutindo um assunto sério sobre as enchentes e uma série de coisas e alguém perto do natal e elas saíram

correndo e eu gritei com elas, eu me exaltei e disse: corram atrás da lavagem! E uma delas voltou e disse pra mim assim, se eu não teria, é..., a senhora não tem medo de amanhecer com a boca cheia de formiga? E eu então disse pra essa senhora que se tivesse valido a pena ela entender o que significava aquelas mulheres lavando as suas consciências em véspera de natal entregando sexta básica, e que isso não é cidadania. Isso não é nada mais do que torná-las escravas daquele processo em que elas estavam vivendo. Isso já tinha valido a pena até amanhecido coma boca cheia de formiga. Então aí invés dela ficar braba comigo ela disse: me explica mais sobre isso. E eu comecei a conversar e chegaram outras senhoras, né, e aí, então, gente começou e foi nesse dia que surgiu, por incrível que pareça a idéia de se fazer uma assembléia pra se eleger lideranças na comunidade.

8. Como era a saúde quando vocês moravam no trevo? E como está agora na CEVAL? Tinham muitas mortes naquela época devido a problemas de saúde? E agora na CEVAL?

Então, bom... A questão da saúde. Com a mudança, né, vamos dizer assim, com esse afloramento socioambiental, ah, o que é que aconteceu? Eles começaram a tomar consciência do seu espaço, né, do seu corpo, é... das crianças, do seu espaço de trabalho. Nós fazíamos muitas peças de teatro, passávamos filmes..., então tudo isso começou a mexer com eles, né, através dos alunos de ecologia, biologia, e tantos..., o próprio pessoal da pedagogia também ajudou muito. E com esse processo, eu notei muito a aparência física das crianças. Ah, nós começamos a falar sobre o piolho, levamos aparelhos pra eles olharem..., como se chama?, microscópios, não é, pra eles olharem os piolhos. Levamos o pessoal que trabalha em relação as doenças de pele, pra saúde, pra explicar a questão da gravidez na adolescência, a sarna. Então nós começamos a trabalhar com as crianças e isso foi surtindo efeito nas mães, nos pais e a coisa aflorou de uma forma que era incrível.

Eu lembro de dizer pra eles que a gente ia, ou numa peça de teatro, ou alguma outra coisa e vinham sujados e já nessa nova comunidade, o banho é algo fundamental, não é, mas eles não precisam nem mandar, eles já vem de cabelos nem limpinhos, unhas aparadas... Inclusive eles tinham vergonha de tirar fotos e hoje eles pedem pra tirar fotos. Então eles estão vaidosos com o seu aspecto físico. No trevo nós tínhamos um alto nível de mortalidade infantil, muitos problemas de doença mental, alcoolismo, viciados em drogas, cocaína, maconha, muita sarna, piolho e a principio problemas

respiratórios, e verminose também, bastante verminose. As coisas eram essas. Eu não vou dizer que acabou, porque isso aí é uma bola de neve, né, mas, por exemplo, as gravidez interrompidas: conseguimos fazer que fossem até o final da gravidez. Diminuíram assim essa questão, as mães perdiam os bebês por estarem anêmicas, doentes, etc, da fraqueza mesmo. Os bebês começaram a nascer mais fortes, corados inclusive. A gente começou a encaminhá-los mais pra questão do dentista, é... a trabalhar a questão do corte de cabelo. Nós ganhamos duas máquinas pra cortar os cabelos. Eles mesmos final de semana já pediam pra gente cortar os cabelos, né. Tu nota assim, eles mesmos querendo cuidar da saúde. Ta. Ah..., uma coisa interessante, assim também, a própria higiene das grávidas eu notei uma diferença, não é. A higiene nas casas, que era uma coisa. Hoje tu vais na comunidade tem flores nos canteiros. Os canteiros estão organizados, as casas estão limpas varridas, né. Há uma preocupação também com a questão da água que antes eles não ligavam, mas um trabalho assim de formiguinha, não é. Então tu nota, a mudança é incrível, não é. Olhando as primeiras fotos do início do projeto, em 98, com as de hoje, é incrível a mudança. Tu nota a mudança nas fotografias, na aparência das pessoas, no estado das pessoas assim, até de aspecto físico mesmo. Tu olha e tu nota a diferença, né.

9. Tinha escola para a comunidade antes do projeto, no Trevo? E agora?

Eu montei uma escolinha nas balanças... Quando eu cheguei lá não tinha nada, então eu..., as crianças me pediam muito pra contar história, pra brincar de colégio e aquela coisa toda... Eu resolvi com a turma de pedagogia de Canguçu e a turma de pedagogia de Pelotas, montamos, nas balanças, uma escola que atendia crianças de dois anos a seis anos de idade. Só que foi muito engraçado, porque no fim nós tínhamos crianças de dois e dezesseis anos, então eu tive que dividir o grupo em vários grupos enquanto nós tínhamos apenas uma sala, né. Então foi um trabalho bem árduo. Depois as mães queriam ser alfabetizadas. Então a líder Gracinda começou a alfabetizar no método Paulo Freire. Consegui fazer com que duas líderes também trabalhassem no método Paulo Freire. Elas eram alfabetizadas e começaram a me ajudar a alfabetizar os adultos, né. Então foi um trabalho bem interessante, com bastante dificuldade. A maioria das crianças e daquelas pessoas não estudavam. Hoje a maioria está na escola. A gente nota assim a diferença, né. E nessa nova comunidade, que a gente chama assim, né, nós levamos muitos acadêmicos, de vários cursos e conseguimos

agora deixar montada uma sala de aula dentro da comunidade. Esse ano nós fizemos estágio com as alunas de pedagogia, dentro da comunidade. Agora entraram em férias, né. Em março eu quero botar outro grupo de estagiárias a da aula lá na comunidade.

10. Como era o relacionamento (humano) entre os integrantes da família quando moravam no trevo?

- a. marido e mulher? E agora na CEVAL?
- b. pais e filhos? E agora na CEVAL?
- c. entre os irmãos? E agora na CEVAL?
- d. demais integrantes familiares? E agora na CEVAL?

Era horrível. Eles brigavam, havia muito tiroeio, facadas socos, pontapés, um ambiente muito de violência. Hoje tu consegues caminhar na comunidade sem medo de uma bala perdida. As crianças brincam na rua, estão felizes, visitam-se uns aos outros. Tem como tudo que é vizinhança as suas desavenças. Antes, duas horas, três horas da tarde, se tu bobeasse tu era morto por uma briga de vizinho, ta. Então há uma paz, há uma tranquilidade. Há ruas, eles estão organizados, lá era tudo socado, era uns por cima dos outros. Hoje tem terrenos, Cada um fecha as portas do seu terreno do seu espaço, está delimitado o seu espaço. Eles se sentem proprietários do seu espaço e isso deu vontade de cuidar do lugar, deu vontade de arrumar aquele lugar. Então eles se sentem, eu posso garantir isso, feliz por aquele espaço. Então eu acredito que eles procuram até viver bem uns com os outros agora, com os vizinhos até pra manter aquela comunidade diferente do que era lá embaixo. Nasceu o espírito coletivo que não tinha. Eu lembro as primeiras atividades coletivas foi um desastre. Eles falsificavam, eles faziam horrores!

11. Havia água, luz e esgoto? E agora?

É era assim: eles roubavam a luz. A gente chama gato, né. E a água também, era a mesmo sistema, tá. Umas casas tinham, porque faziam essas coisas, né, ah, esses arranjos e a maioria não tinha nada. Verão era uma tristeza. *O que tu chamas de gato, era tirado de onde?* Eles tiravam lá dum poço, que vinha puxando fio não sei da onde, eu só sei que quando eu via tinha água lá. E tudo era eles que faziam, por debaixo da terra eles iam puxando daqui e d'acólá e saia a tal de água. Só que era assim oh, em determinados horários, porque no verão principalmente, não tinha força, então era um balde pra cada família, quando tinha. *Chegou a existir um bico pra todos eles?* Eles fizeram isso. Eles fizeram. *E hoje como é?* Hoje todos têm água nas suas propriedades.

12. Em 1998, no Trevo, como foram combatidas as drogas? E agora na CEVAL, continua esse problema? E se ainda existe, o que está sendo feito para resolver esse problema?

Bom, eu fui a até a delegacia me informar quais eram os procedimentos, como estava sendo combatido o tráfico na cidade e o delegado então, me informou que havia uma equipe, eu levei as lideres comigo, na época. Nós então, fizemos uma reunião com as lideranças da comunidade e pensamos juntos o que fazer, porque havia junto o aviãozinho, criança que entrega droga, crianças de seis anos, sete, e isso tinha que acabar. Então teríamos que fazer um trabalho de conscientização com as mães, e foi o que a gente tentou durante um bom tempo fazer. E creio que foi profícuo, porque nós conseguimos fazer com que as mães não deixassem mais os filhos fazer essa atividade. A Gracinda, a líder da comunidade teve a sua casa toda baleada, porque colocou cartazes em todas as casas: “denuncie um traficante, não faça de seu filho um traficante.” E aí o quê que aconteceu, isso gerou uma raiva entre os traficantes, né. O quê que eles fizeram pra se mostrar que eles eram fortes, eles destruíram a escolinha, que nós havíamos pintado, tinha cadeiras quadros, livros de história... Era uma sala de aula de educação infantil, vamos dizer assim, né. E estávamos construindo a cozinha, porque havia uma senhora, que já faleceu, que estava ensinando a fazer alimentação alternativa. Com raízes de plantas, era até do partido verde, Celeste, professora Celeste da farmácia Vida. E ela então, se prontificou a ir todos os sábados pra lá pra nos ajudar, e foi um horror, porque eles arrebentaram a escolinha, arrebentaram a cozinha, que era uma outra balança, né, e ainda deixaram um bilhete dizendo que tudo que a gente fizesse seria destruído. Bom, aí, então, o que é que aconteceu? No outro dia voltamos lá e organizamos a escolinha e resolvemos pra fazer passar a tristeza das crianças fazermos uma praça. E montamos naquela tarde uma praça com pneus, com pedaços de pau, balanço e pra ver se esqueciam aquela destruição da escolinha. E no dia seguinte, nós fomos lá pra colocar os outros..., as gangorras que faltavam e eles haviam destruído a praça também. Então não foi fácil combater a..., então aí o quê que aconteceu? Ah, a gente começou a fazer um trabalho de teatro com as crianças explicando a questão das drogas, não é. O que a droga faz dentro dum corpo, o quê que acontece quando as famílias tem alguém como viciado, o preço de tudo isso dentro do organismo, na sociedade, etc, etc, etc. Então, eu acredito que o fato também de o projeto mobilizar muito a comunidade pelotense e trazer muita gente pra

dentro da comunidade, porque, nós tínhamos acadêmicos que eram da Brigada Militar, faziam biologia, nós tínhamos médicos, engenheiros, arquitetos..., e o que é que aconteceu? Com a chegada de muita gente isso inviabilizou o tráfico na comunidade também, porque eles ficaram, como se diz, a mostra, muito vulneráveis, né. À vista de toda aquela agitação que havia e isso, então, inviabilizou o próprio trabalho do tráfico. Eu creio que isso também incomodou muito eles, por isso muitos foram embora. Depois algumas prisões ocorreram, ta. A própria assembleias, as lideranças femininas, as mulheres, apanhavam muito, não é. E sabiam de roubos e coisas, começaram a denunciar e a criar coragem de dizer as coisas que não tavam certas. E isso também foi uma forma de inviabilizar o tráfico, porque as mulheres que não tinham voz, começaram a ter voz e se impor e se organizar, e isso desmobilizou eles que mandavam e desmandavam, não é. Hoje, na Ceval nós temos viciados, vamos dizer assim, eu acredito que tráfico não como tinha lá na comunidade. Sempre vai ter um ou outro que vai vender a sua maconha, em qualquer bairro tu vai encontrar isso. Mas o tráfico que havia na baixada, posso te garantir que não tem na Ceval.

13. O que faz com que essas pessoas usem drogas?

Muitas coisas. Primeiro que eu creio que é um fator muito importante de que as pessoas às vezes não acreditam, o tráfico gera dinheiro. Então, o cara já ta excluído mesmo, eles dizem até uma outra palavra bem feia. Então, arriscar mais um pouquinho não vai ter problema. E se ele tiver dinheiro, melhor, ta. Então a questão grana é um fator determinante, ta. Bom, outro fator porque tu vendendo tu também pode consumir, tá. A desgraça é tão grande que quando tu usa uma droga, aquilo te amortece, então por alguns momentos, por algumas horas, tu esquece daquela miséria que tu vive, que os teus filhos vivem, daquela situação toda. Então creio que isso aí também é um fator que ajuda. Ah, a cola como a gente sabe que lá na comunidade tinha algumas crianças usando cola e tal, a questão do frio, tira o frio, tira a fome. Então são fatores que também tu diz assim: ah, eu não pensei que isso era fator determinante, porque anestesia o corpo, anestesia a barriga, como eles dizem, e é mais fácil de ir levando. Então eu creio que a falta também de uma perspectiva de vida. Não conseguem se inserir nessa sociedade, não tem estudo, não tem trabalho, se sentem à margem, mas quando eles são traficantes, eles são autoridades. É um poder, né, então isso dá *status* dentro de uma comunidade sem perspectivas, vamos dizer assim.

14. Como era o deslocamento dos moradores a outros pontos da cidade no tempo do trevo? E agora na Ceval?

A pé, ou com asa charretes, né. A maioria deles não tinha cavalo, então eles eram os cavalos, tá, e caminhavam quilômetros e quilômetros pra vender o seu papelão, ou alguns cavalos muito magros e doente. Até nós tivemos que fazer um levantamento de quantos cavalos estavam doentes, fazer chamar veterinário; uma vez eu lembro, a primeira vez que a gente ganhou um dinheiro do governo do estado – o nosso projeto infelizmente não teve dinheiro, não teve apoio financeiro – nós fizemos uma assembléia e eles pediram pra comprar correames pros cavalos. Porque era tudo assim, amarrado com cordão, então haviam muitos tombos, muitos acidentes. Isso era muito perigoso. Então era assim, dessa forma. Hoje, atualmente na comunidade, eles estão mais organizados, eles têm os seus cavalos bem cuidados, as suas charretes, ah..., eles usam o ônibus; tem um ônibus ali bem no finalzinho assim da rua, tá, eles estão pertos do centro, porque se tiver que vir a pé, eles dizem que vem assobiando. Pra tu teres uma idéia eles estão mais no centro do que eu. Eu moro fora realmente, mesmo, e eles moram no centro. Ali tem acesso a outros meios de transporte como moto táxi. Hoje tu vai na comunidade tu vê gente pegando moto táxi, dentro da comunidade; coisa que é raro a gente vê, né. *E tinha transporte disponível no tempo do trevo?* Não, não porque lá é BR, então não tem, a não ser que fossem pegar..., há uns três quilômetros. Então não tinha. Ou de bicicleta, ou a pé ou no cavalo.

15. Como eram as casas no tempo do Trevo? E agora, na CEVAL?

Eu chamaria de barracos que somente ratos, poderiam habitar. Ratos, baratas, não é. Um ser humano jamais deveria habitar um local como aquele ou uma casa como aquela, não é. Era uma coisa assim que não tem explicação, com pedaços de plásticos, eles achavam um pedaço de tábua colavam, pregavam do jeito que dava, pedaços de vidro, de lata, o que desse. E aí não tinha condição. Dia de chuva chovia mais dentro de casa do que na rua. Não tinha banheiro, geralmente eram duas peças, às vezes era só uma peça pra fazer a comida e uma peça pra todo mundo dormir, dez, quinze pessoas, né. Era isso, assim, era uma coisa que, não sei! Hoje eles têm casas. As primeiras casas construídas de madeira, eu tenho as fotos, são casas! De madeira com janelas, com portas, com quartos, com salas com as cozinhas, as de madeira. Atualmente, com o convênio, eles estão construindo em regime de mutirão as

casas pré-fabricadas. As casas populares, de material. Então gente com oitenta e tantos anos que nunca teve um banheiro vai ter pela primeira vez, tá. Então a esperança está nos olhos deles. A mudança é visível. Porque as pessoas muito humildes, que passam muito trabalho, eles acreditam desacreditando quando tu fala em alguma coisa, não é. Eu lembro que eu dizia pra eles que era preciso sonhar, era preciso acreditar no sonho. E um dia um senhor disse pra mim: “para de vender mentiras para nós. Eu não agüento mais ouvir tanta mentira!” E aí, eu, na época, eu fiquei muita raiva quando ele disse isso aí, depois eu fui parando pra pensar, né, lembrando muito de Paulo Freire, as verdades que estão através das agressões de uma pessoa que sofre. Então eu fui pensando o que tinha de verdade naquilo que ele falava. A verdade era a desesperança. E eu então me senti chamada a resgatar a esperança crítica dentro deles, não é. Isso foi, eu acho, um dos meus maiores desafios. Eles amarem-se enquanto potencial humano, eles acreditarem na sua espécie, eles acreditarem na força da coletividade, eles acreditarem que é possível sonhar, eles acreditarem na luta, ah, isso foi algo pra mim muito difícil e eu acho que eu consegui.

16. Como a comunidade participa, ajuda a professora Jara quando ela realiza algum trabalho na comunidade? A comunidade sempre colaborou como hoje? Porquê?

No início muito difícil. Não queriam nada com nada. Quem trabalhava e quem participava eram as crianças, eram os adolescentes, com as crianças. Aos poucos eu fui trazendo as mulheres e mais tarde os homens. Hoje quando eu preciso de alguma coisa eles se auto-organizam. Quem vai trazer isso, quem vai trazer a lâmpada, quem vai buscar o pau, quem vai botar a madeira aqui, quem vai trazer a mesa pra cá. Sempre vai ter aquele que é deitado, né. Ah, eu não faço, isso eu não faço, isso em tudo que é lugar, mas eu fico surpresa com os exemplos que eles já estão realizando. A festa junina, festas comemorativas. Agora mesmo eles estão organizando um torneio de futebol. Conseguiram até os troféus. Então isso é deles. É organização deles. E eu fico feliz quando eu vejo se organizando pra festa de natal, pro dia da criança. Sabe, existe assim um espírito, vamos dizer assim, comunitário, tanto que está saindo a associação de bairros, né. Estão fundando a associação.

17. Que projetos mais marcaram a comunidade entre os anos de 1998 e 2005, na sua opinião? Que projetos, a comunidade dentro desse período? O projeto eco renda, que foi busca de

renda, a Neuza, uma aluna minha da ecologia, que fez um projeto muito bonito. Outro projeto, o eco familiar, foi um projeto que gente conseguiu colocar telhados nas casas, organizar as casas que através das enchentes estavam acabadas, detonadas. Então esse foi um projeto muito bom. Teve vários, por exemplo, o eco esporte, onde a primeira vez que teve esporte dentro da capoeira. Tiveram uniformes, se apresentaram em locais deferentes da cidade e até fora da cidade. Outro projeto interessante foi do próprio Jean Carlo com o plantio de hortas medicinais, não é, dentro da comunidade. Esse foi um projeto que eu considerei assim muito importante.

18. Quando vocês começaram a se reunir para fazer assembléias e discutir os problemas da comunidade?

Em final de 98. Do meio de 98 pro final. Eu primeiro namorei a comunidade e a comunidade me namorou. É um processo assim de não vamos falar de coisa tão sérias, né, mas tem que falar ao mesmo tempo. Então aquilo vai indo, vai, vai de uma forma muito tranqüila. Nós usávamos o lúdico para nos aproximarmos da comunidade. Eu cantava, nós dançávamos com as crianças com as crianças, eu contava histórias, eu envolvi peças de teatro, eu levei pessoas músicos, inclusive de Rio Grande, de outros locais. Iam tocar aos sábados, nós fazíamos uma rodada de chimarrão. Comecei a fazer gincana entre os adultos, não é. Então foi uma fala lúdica, vamos dizer assim. Assim eu fui chegando, através do esporte, da dança, do teatro. Eu fui chegando na comunidade, até que surgiu então a primeira assembléia. Foi quando eles tiveram uma enchente terrível e haviam perdido muitas coisas, inclusive houve morte na comunidade.

19. Como eram tomadas as decisões na comunidade antes do ecomunitarismo? E agora? Cada um por si e quem tinha revolver ou uma faca na cintura, tá. Ah..., havia um pacto de medo de silêncio terrível. O medo é que mandava, tá. Então, vamos dizer assim, se tu detinhas o poder na comunidade, eu tinha medo de ti e me submetia aos teus mandos e desmandos, né. As mulheres apanhavam muito dos seus companheiros, né. Pairava um pacto do medo, vamos dizer assim. Hoje, na comunidade, eles e reúnem, eles discutem, eles vão pra prefeitura, eles fazem abaixo assinado. Agora mesmo está demorando a construção das casas, então eles já estavam se reunindo pra encaminhar pro ministério publico alguma forma de pressão, né. Então eles tiveram apoio de um advogado através do nosso projeto. Então, hoje, eles mesmos já ligam pro advogado

e já pedem, como se diz?, um atendimento e já a coisa começa a andar. Então eles vão pra rádio, eles vão pra TV. Eles têm o telefone dos repórteres, tá. Então isso é assim, é incrível, eles andam pelas suas perninhas, vamos dizer assim, né.

20. Quais eram as fontes de renda da comunidade antes do projeto ecomunitarismo? Quais são hoje as fontes de renda e como vocês organizam estas fontes de renda? (individual, cooperativa, etc.)

Bom, antes era, sinceramente, roubo, muito roubo, desmanche de carro, abate de vaca, né. Ah, deixa eu ver..., o que mais, ah..., biscates, né. Venda dos próprios roubos. Ah..., e o papelão, né. Os pescadores, porque tu sabes que eram duas comunidades dentro de uma só, com peixe, né, e eles com papelão. Então era isso. Hoje as pessoas estão estudando, eles estão trabalhando ou em firmas, ou indústrias; eles estão trabalhando em casas de família. Eles estão prestando concurso. Inclusive um dos..., a comunidade sempre foi liderada por mulheres, hoje nós temos um homem liderando a comunidade, o João. Então o João está estudando, ele vai fazer concurso, né. A Gracinda que é a líder dos pescadores, está estudando o segundo grau agora, quando eu a conheci ela só tinha o primeiro grau e vai fazer concurso porá pedagogia. Então tu nota as pessoas..., sabe, tem gente na comunidade na faculdade já, né. Há uma..., eles valorizaram, não sei o fato dos meus estudantes irem também lá e eles perguntavam muito como que é a faculdade, o é que é isso, o que é que faz, como é que chega lá, eles começaram a dar valor a educação; coisa que eles não davam.

21. O que melhorou? O que piorou e o que resta fazer, na sua opinião?

Atis! É grande essa pergunta! O que melhorou? Qualidade de vida, né. Melhorou auto-estima, melhorou a organização comunitária, melhorou a qualidade ambiental, melhorou a consciência socioambiental, melhorou o espírito crítico, melhorou a saúde a educação, é..., o espaço físico deles melhorou consideravelmente, né. Mas algo assim muito importante que eu posso te dizer, que eu acho que foi fundamental: "nasceu a esperança." *Alguma coisa piorou?* Sim. Nós éramos uma comunidade que nos conhecemos. Era só bater o olho, não precisava falar muito. Com a perda do PT, partido dos trabalhadores, esse novo prefeito colocou pessoas de outros bairros que a gente nem sabe como chegaram lá direito. Alguns arruaceiros, algumas pessoas violentas, é..., e essa mistura enfraqueceu um pouco a luta comunitária, assustou, vamos dizer assim, algo que estava

indo tão bem. A comunidade é maior, mas tu sabes que uma ovelha que esteja doente pode contaminar todo o rebanho. Então eles vão ter que lutar muito para que isso não estrague todo esse trabalho. *E o que resta fazer?* O que resta fazer? Eles acreditarem que podem ainda lutar sozinhos, eles acreditarem que são capazes de reivindicar, sonhar, é..., buscar alternativa, caminhar com as próprias pernas. O que resta fazer também, que outras instituições continuem, lá, ajudando, montando o projeto, porque acredito que agora, está bem fácil fazer um bom trabalho, lá.

22. Que sonhos vocês ainda têm para o futuro da comunidade?

Eles querem muito uma escola dentro da comunidade, eles querem montar a associação de bairro, porque eu desde 98 dizia: se nós tivéssemos um galpão, se nós tivéssemos um lugar pra fazer a nossa associação, agente fazer as nossas reuniões, as nossas assembleias, quanta coisa a gente já tinha avançado. Então eu sei que eles têm um sonho de ter essa associação até pra montar a cooperativa que eles tanto querem.

23. Existia solidariedade na comunidade antes do projeto? E hoje?

Quase nenhuma. Quase nenhuma. É, eu diria que havia um egoísmo, um individualismo gritante. *Uma indiferença com o próximo?* Ah, com certeza! Até por uma questão, assim, se eu me preocupar com o outro vai faltar aqui em casa. Não dá tempo dele ser solidário. Entendes? E mesmo assim, apesar de todo esse processo tu ainda via algum gesto, como a Gracinda, né. É um ser humano especial assim, que tu notava que fazia a diferença, mesmo com fome, mesmo passando necessidade. Tinha as suas exceções, no próprio grupo dos pescadores, dos catadores também. A dona Cica é um exemplo e tantas outras pessoas, mas eram casos isolados. Mas hoje, não! Hoje tu mexeu comum é mexer com um quarteirão, vamos dizer assim.

24. Como convivem com as diferenças religiosas, sexuais, políticas, dentro da comunidade? *As pessoas respeitam as diferenças?*

Tranquilo, tranquilo. Nós temos evangélicos lá, temos pessoas espíritas e temos pessoas católicas. Então sem problema nenhum.

25. Quais os principais objetivos (e atividades) desenvolvidas na comunidade, ao longo desses sete anos, na sua opinião?

O principal objetivo atingido, a auto-estima. Outro objetivo atingido, organização

comunitária, outro objetivo atingido, construção da consciência socioambiental. Outro objetivo atingido, eles começaram a buscar competências, né. Então, se eles não conseguem resolver, quem é que consegue? É o prefeito, é o lá do SANEP, é o secretário disso, é urbano é FEPAN, eles conseguem entender esses seguimento e buscar. "Desvelaram a realidade!" Um objetivo clássico que a gente alcançou: a aquisição da moradia e alternativas de renda.

26. Quais os principais resultados obtidos, em vista do que se pretendia?

Algo importante é o entrelaçamento entre o saber popular e acadêmico, né. Foi algo assim que teve momentos que eu achei que não ia conseguir. Por uma série de fatores. Objetivo atingido, assim..., conseguir provar que é possível fazer interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, através de um projeto como este, o ecomunitarismo. UM reconhecimento dos meios de comunicação e da comunidade pelotense que eu não esperava. Pessoas que eu nunca vi conhecem o projeto, ouviram falar do projeto, lêem e guardavam jornais quando saia publicações. Um reconhecimento assim que eu não esperava dos meios mais diversos possíveis. Políticos, instituições educacionais também. De outro município me mandavam carta, a própria... é..., Brasília, recebi carta de Brasília, tá. Então, reconhecimento assim que eu não esperava alcançar, assim, por exemplo: Zero Hora, fazendo entrevistas, né. A televisão, a RBS, o carinho dos radialistas, jornalistas, advogados, juristas, né. Assim oh, não tem explicação a dimensão que o ecomunitarismo alcançou. Eu cheguei a envolver até municípios como Santa Vitória, Canguçu, Pinheiro Machado, São Lourenço, é..., no projeto! Vinham acadêmicos de outros municípios, de outras localidades. Rio Grande! E algo assim fantástico, que eu não esperava, outras universidades trabalhando dentro do projeto, mesmo o projeto sendo da UCPel. Como a própria FURG, a UFPel, né. Então são coisas assim que tu não espera, escolas particulares, escolas municipais, escolas estaduais, é não, não, não tem explicação, é..., Banco do Brasil, e entidades assim que tu nem sabe como é que começaram a saber do projeto e foram chegando e foram ajudando e..., não tem explicação! Eu não pensava em mexer com tantas pessoas e segmentos da sociedade tão diferenciados. Ah, lembrei de outra coisa! O livro, né, que a gente conseguiu escrever: "O Contrato Social da Ciência." Algo que eu também não imaginava e um reconhecimento da minha universidade, algo muito dolorido e sofrido. E eu posso afirmar que desde o simples faxineiro da universidade eles tem um carinho

ao projeto ecomunitarista que eu acho que muitos projetos que trazem grandes dinheiros pra universidade não tem.

27. Em que atividade você participou e quanto tempo permaneceu no projeto?

Os sete anos e sem faltar um único dia. E quando faltava, se eu não podia ir, eu não ia, ia alunos. Sempre tem alguém fazendo alguma coisa, entende, e por exemplo, não se estava na comunidade mas se estava em reunião com a prefeitura, estava-se com advogado, estava-se na delegacia de policia resolvendo algum caso, estava num hospital com alguém que estava em trabalho de parto, ah, conseguindo os enxovais junto ao grupo da terceira idade, é o grupo Girassol.

28. Mudou o seu ponto de vista político?

Se mudou? Não, eu continuo fiel às minhas idéias de esquerda, jamais poderia ser de direita pela minha convicção. Vamos dizer, partidário, muito triste e magoada, revoltada, mas ainda não perdi a esperança porque eu acredito, ainda, que existem pessoas íntegras, que existe condição da mudança da transformação de valores éticos, né, existem pessoas que com certeza sonham coisas como eu, ou até muito mais do que eu que sou uma simples pessoa, mas com ideais fortes, tá. Eu não posso dizer que não tenho esperança porque se não poderia dizer que sou educadora. A esperança crítica faz parte, não é. Tenho convicção das coisas que passam a esquerda, hoje, no meu país mas não perdi a luta, eu não me sinto perdedora, eu me sinto cada vez mais forte nas minhas convicções, né, nas coisas que eu acredito, que eu sei que posso fazer, na forma como eu acho que tenho que proceder, as minhas aulas e etc. Então, eu creio, como é que eu posso te dizer? Eu creio que existe pessoas, tanto quanto eu, que estou nesse exato momento, né, atordoados, vendo alguns sonhos sendo desmanchados, mas que não perderam a esperança, não perderam a vontade de lutar.

29. Mudou o seu ponto de vista em relação (aos pobres) as comunidades carentes?

Se mudou? Não, eu acho que eu sempre tive a visão que eu tenho, né, eu venho construindo cada vez mais. Eu acho que reafirmou a minha visão. É possível sim fazer a diferença! É possível sim transformar a realidade! É possível sim construir uma melhor qualidade de vida! É possível sim justiça social, cidadania planetária, mas para isso é preciso sim que o ser humano acredite no seu potencial, que resgate o seu equilíbrio com a natureza, que resgate esse entrelaçamento, esse respeito mútuo, não é. Ah, acredito que é possível sim a construção de um

mundo melhor desde que haja pessoas comprometidas com essa luta.

30. Mudou a visão que você tinha em relação ao seu papel na comunidade (*sociedade*)?

Se mudou? No início, eu me via, diante de tanta miséria, de tanta fome, tanta gente esfaqueada, é..., gente morrendo... *É quanto ao teu papel na sociedade como um todo.* Eu acho que ele não mudou, ele se enraizou-se mais. Eu tenho um comprometimento ético diante da vida. Eu tenho um comprometimento ético diante do outro. Eu tenho um comprometimento ético com a vida. Com todas as formas de vida, e isso não, não me aposenta nunca, não é. Isso não me deixa ficar quieta nunca. Não que aposentado vá ficar quieto, não. Mas é que, ah, é, é, esse fator vai me impulsionar até o meu último suspiro.

31. Mudou sua visão em relação à universidade?

Ah, que pergunta! Em alguns aspectos sim. Outros bem negativos, como que universidade é essa que não ensina a colocar em pratica a teoria? Que universidade é essa que não cumpre com seu papel social? Que universidade é essa que diz que um trabalho como não existe ensino, pesquisa e extensão? Então, ah..., isso me fez pensar que universidade eu quero, que universidade eu acredito, que universidade eu luto, que universidade eu proponho pros meus acadêmicos, né? Eu acho que cada vez mais, eu entendo o quanto a universidade ainda tem que se esforçar e muito pra cumprir com o seu papel social, o seu papel de ensino, pesquisa e extensão. Eu penso que ela ainda, tanto na universidade particular quanto pública, está ainda equivocadamente adormecida.

32. O que você acha que mais mudou em você?

O quê que mudou mais em mim? *A la pucha!* Bom, sete anos tu amadurece um monte, né. Sete anos te faz repensar uma série de coisas, sete anos te ensina muitas coisas, como o que é realmente educação popular, como realmente traçar esse diálogo, como respeitar essa complexidade, esse tempo que eles precisam pra gerir, pra eles renascem, pra eles se reencontrarem, pra eles desvelarem a comunidade. Esse tempo todo também me ensinou a ter paciência comigo, com a instituição com a qual eu trabalho, com os meus acadêmicos, com o mundo, é..., esse tempo todo me ensinou o quanto temos que lutar pra que as pessoas entendam o que a luta socioambiental, o que é EA, ah, o que é uma organização comunitária. Eu acho que esse tempo todo aí me fez refletir o papel da mulher, das lideranças, dos políticos, o papel das pessoas que tem poder. Me fez ver também na íntegra as mentiras, tá. As falsas verdades os acertos por